

Unioeste – Universidade estadual do oeste do paraná  
*Campus* de marechal cândido Rondon - PR  
Centro de ciências agrárias - CCA  
ps-graduação em desenvolvimento rural sustentável  
Mestrado e doutorado

**JEFFERSON DOS SANTOS VORPAGEL**

PRÁTICAS SOCIAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES ASSOCIADOS E NÃO  
ASSOCIADOS EM COOPERATIVAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS  
OBJETIVANDO O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Mal. C. Rondon  
2019

**JEFFERSON DOS SANTOS VORPAGEL**

**PRÁTICAS SOCIAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES ASSOCIADOS E NÃO ASSOCIADOS EM COOPERATIVAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS OBJETIVANDO O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL – MESTRADO E DOUTORADO DO CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ, COMO REQUISITO PARCIAL PARA APROVAÇÃO EM BANCA DE QUALIFICAÇÃO.**

**LINHA DE PESQUISA: 1. DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE RURAL**

**ORIENTADOR: PROF. DR. – DIRCEU BASSO**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de  
Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Dos Santos Vorpapel, Jefferson  
PRÁTICAS SOCIAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES ASSOCIADOS  
E NÃO ASSOCIADOS EM COOPERATIVAS : : DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS OBJETIVANDO O DESENVOLVIMENTO  
RURAL SUSTENTÁVEL / Jefferson Dos Santos  
Vorpapel; orientador(a), Dirceu Basso, 2019.  
83 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste  
do Paraná, Campus Marechal Cândido Rondon, Centro de  
Ciências Agrárias, Graduação em Secretariado  
Executivo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural  
Sustentável, 2019.

1. Cooperativismo. 2. Agricultura Familiar. 3.  
Sustentabilidade. I. Basso, Dirceu. II. Título.



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>  
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

**JEFFERSON DOS SANTOS VORPAGEL**

**PRÁTICAS SOCIAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES ASSOCIADOS E NÃO  
ASSOCIADOS EM COOPERATIVAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS  
OBJETIVANDO O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável, área de concentração Desenvolvimento Rural Sustentável, linha de pesquisa Desenvolvimento Territorial, Meio Ambiente e Sustentabilidade Rural, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Dirceu Basso

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Wilson João Zonin

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon  
(UNIOESTE)

Exzolvildres Queiroz Neto

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Marechal Cândido Rondon, 27 de junho de 2019

## **Dedicatória**

Agradeço a Deus, todos meus professores, amigos, família e camaradas de luta, por estarem presentes nesse momento comigo.

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço a Deus, pois sem ele não estaria aqui, um trabalho árduo como escrever uma dissertação nunca é realizado sozinho, por isso início a dedicatória ao meu orientador Prof. Dr. Dirceu Basso, que me deu total apoio e autonomia na construção do trabalho, sempre mostrando o caminho certo para se alcançar os resultados e a cientificidade.

Agradeço de forma geral a todos os professores que fizeram parte dessa empreitada, em especial ao Prof. Dr. Wilson João Zonin o qual sempre contribuiu para construção de saberes do desenvolvimento rural sustentável e também para o real significado de Universidade para todos, assim como, me apresentou a extensão rural a qual me mostrou a riqueza humana do mundo rural e ao Prof. Dr. Alvory Alhert o qual me mostrou o maravilhoso mundo da educação tanto falado por Paulo Freire e Darcy Ribeiro.

Quero aqui agradecer aos meus colegas de mestrado, em especial a hoje doutoranda em agronomia Fernanda Ludmila Barbosa de Souza e a Mestra Iza Layana Galdino, por estarem sempre no cotidiano comigo e trabalhando para gente publicar trabalhos científicos em todos os eventos possíveis, Ainda nos colegas quero agradecer as doutorandas em agronomia Maria Eunice de Oliveira e Mayra Abady que me auxiliaram a entender de certos campos da agronomia e que me auxiliaram na interdisciplinaridade alcançada neste trabalho, agradeço também aos meus amigos Wellington tripa e Caio Lambert, que me auxiliaram na pesquisa de campo arrumando alguns contatos de entrevistados.

Ainda agradeço de coração meu pai Darci Vorpapel e minha mãe Maria Do Carmo que me acolheram em casa, após ter concluído minha graduação em outra cidade, aguentaram as pontas em um momento que não tinha emprego e nem condições financeiras de estudar, porém tinha um sonho de ser mestre, agradeço a eles pelo suporte, pela luta deles pela educação e por um país melhor, por terem me ajudado nos meus momentos de doenças psicossomáticas e aos meus três irmãos que estão torcendo sempre por mim Kamila, Kelly e Jardel.

Por fim agradeço as secretarias do programa e do centro de ciências agrárias por todo o suporte ao longo do mestrado.

“Esse último vento que soprou da montanha, trouxe um movimento, uma inquietação tamanha. desejo de sair sem rumo. a aventura me acompanha [...] uma tempestade se forma. um fervor nos apanha. e, se espalhando, transforma. dá para perceber o que vai acontecer: novas histórias.”

**Lenine.**

## Resumo

VORPAGEL, Jefferson dos santos, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, maio de 2019: Práticas sociais dos agricultores familiares associados e não associados em cooperativas: desafios e perspectivas objetivando o desenvolvimento rural sustentável. Orientador Prof. Dr. Dirceu Basso.

O presente trabalho apresenta a pesquisa realizada em quatros municípios do Oeste do Paraná, sendo elas, Marechal Cândido Rondon, Toledo, Pato Bragado e Mercedes, levando em consideração as três variáveis bases do desenvolvimento rural sustentável, econômico, social e ambiental o trabalho se propôs a comparar agricultores rurais, classificados como agricultores familiares entre cooperados e não cooperados, com racionalidade convencional, a fim de analisar quais são os condutas produtivas desses agricultores. Assim como, compreender se a cooperativa os auxiliou nesse processo para alcançar esse objetivo, em concomitância se as condutas produtivas desses agricultores também os auxiliam a alcançar o desenvolvimento rural sustentável. O trabalho se construiu da metodologia quali-quantitativa, o qual usou entrevista semiestruturadas para levantar os dados a campo, assim como a revisão bibliográfica para construir o referencial bibliográfico. Os resultados comprovam a contribuição das cooperativas nas praticas sociais dos cooperados numa perspectiva de especialização produtiva na equidade familiar, Quem não é cooperado apresenta conduta participativa e uma perspectiva de maior diversificação na propriedade familiar.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento rural sustentável; Cooperativismo; Agricultura familiar.

## **Abstract**

VORPAGEL, Jefferson dos Santos, state university of western paraná, may 2019: Social practices of associated and non-associated family farmers in cooperatives: challenges and perspectives with a view to sustainable rural development. Advisor Prof. Dr. Dirceu Basso.

The present study presents the research carried out in four cities in the western part of the parana, being the three basic variables of sustainable rural development, economic, social and environmental, the proposed work to compare farmers who are classified as family farmers between cooperative and non-cooperative in order to establish the objectives of those producers and to understand whether the cooperative assisted them in that process in order to achieve that objective and whether the objectives of those producers also help them sustainable rural development. The work was constructed from the qualitative-quantitative methodology, which used semi-structured interviews to collect the data in the field, as well as the bibliographic review to build the bibliographic reference. Finally, the results are satisfactory, since it proves the interference of cooperatives in the social practices of the cooperative in a micro way to achieve specific results with their programs, however, it is emphasized that those who are not cooperated have the same non-cooperative life goals achieved being necessary to associate to a cooperative to obtain advantages.

**Keywords:** Sustainable rural development; Cooperativism; Family farming.

## Lista de figuras

Figura 1: Arvore de palavras dos saberes ambiental.....	67
Figura 2 : Assembleia de cooperados.....	72
Figura 3: Cascalho colocado na linha Belmonte.....	73
Figura 4: Almoço de congregação não cooperado.....	75

## **Lista de quadros**

Quadro 1: Indicadores do DRS.....	15
Quadro 2: Preceitos dos cooperados e projetos familiares dos cooperados.....	50

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: perfil dos entrevistados.....	43
Gráfico 2: Família e Sucessão.....	45
Gráfico 3: Diversificação produtiva.....	47
Gráfico 4: Infraestrutura.....	60
Gráfico 5: Práticas agronômicas.....	68

## **Lista de Apêndices**

Apêndice 1: Roteiro de entrevista.....	81
Apêndice 2: Lista de entrevistados Cooperados.....	92
Apêndice 3: Lista de não Cooperados.....	93

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1	OBJETIVO GERAL.....	14
1.2	METODOLOGIA.....	14
1.3	ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....	17
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO .....</b>	<b>19</b>
2.1	DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL.....	19
2.1.1	Econômico, ambiental e Social. ....	24
2.2	AGRICULTURA FAMILIAR. ....	27
2.3	COOPERATIVISMO: HISTORICIDADE E SUAS APLICAÇÕES A AGRICULTURA FAMILIAR. ....	29
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>35</b>
3.2	PERFIL DAS FAMÍLIAS COOPERADAS E NÃO COOPERADAS.....	35
3.3	PROJETOS ECONÔMICOS DOS AGRICULTORES: REALIDADES E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	39
3.3.1	Comercialização cooperado X não cooperados. ....	42
3.3.2	Construção da renda dos agricultores.....	49
3.3.3	Infraestrutura: Análise de bens cooperado x não cooperados .....	52
3.4	SUSTENTABILIDADE: OBSERVANDO A PRÁTICA AMBIENTAL.....	55
3.4.1	Práticas ambientais .....	57
3.4.2	Assistência técnica e extensão rural (ATER): Na construção do ambientalmente correto.....	60
3.5	INTERAÇÕES SOCIAIS: LAZER, MEIO IMPRESCINDÍVEL PARA PRÁTICAS SÓCIAS DO PRODUTOR.....	62
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Presentemente existe um debate entre os pesquisadores das mais variadas áreas científicas sobre o desenvolvimento rural sustentável, desde a abrangência da nomenclatura quanto as variáveis que se julgam necessária existir para se alcançar esse processo e entender o que é desenvolvimento rural sustentável-DRS-.

Nesse estudo se identifica que os agricultores familiares são os atores fundamentais para o desenvolvimento rural sustentável.

As pesquisas apresentam de forma concomitante as seguintes variáveis que devem ser estudadas para medir o DRS, como: saúde, lazer, cooperativismo, mercados, políticas públicas, economia, cultura, territórios, sustentabilidade, agricultura familiar, entre outras tantas que estão envolvidas no cotidiano desses agricultores objetivando ter uma qualidade de vida melhor.

Corroborando com essas reflexões, Sachs (2002) elenca as seguintes dimensões para que ocorra esse processo, sendo eles: Sustentabilidade social; Sustentabilidade econômica; Sustentabilidade cultural; Sustentabilidade ecológica. Tais dimensões estão inseridas no contexto de pensamento de desenvolvimento, que por sua vez apresentam um norte para mensurar e tentar entender o significado de desenvolvimento.

O presente trabalho busca estudar as condutas produtivas de produtores cooperado e não cooperados residentes nos municípios da região Oeste do Paraná, mais precisamente nas cidades de Marechal Cândido Rondon, Pato Bragado, Toledo e Mercedes. A região tem seu crescimento do PIB através de atividades ligadas a agropecuária, possui um amplo parque agroindustrial, composta por cooperativas e indústrias de economia mista e limitada, assim como, a maioria de estabelecimentos rurais são pertencentes a agricultores familiares.

A necessidade da pesquisa se deu pela necessidade de compreender as condutas dos agricultores familiares com racionalidade convencional baseado em Basso e Gehlen (2016) associados e não associados a cooperativas agroindustriais.

Existe diferenciações de condutas produtivas entre agricultores familiares associados a não associados das cooperativas?

Para se alcançar essa resposta é necessário investigar as práticas sociais utilizadas pelos agricultores familiares cooperados e não cooperados, na construção de seus projetos produtivos e modos de vida e seu alinhamento com desenvolvimento rural sustentável (DRS), sendo este o objetivo geral do trabalho.

## **1.1 Objetivo geral.**

Investigar as práticas sociais utilizadas pelos agricultores familiares cooperados e não cooperados, na construção de seus projetos produtivos e modos de vida e seu alinhamento com desenvolvimento rural sustentável (DRS).

### **1.1.1 Objetivos específicos**

Identificar os agricultores familiares organizados em cooperativas, nas dimensões social, política, ambiental e econômica;

Comparar as práticas dos agricultores familiares cooperados e não cooperados;

Compreender quais são os significados (valores) atribuídos pelos agricultores em suas práticas produtivas e de modo de vida;

Analisar a contribuição das diferentes condutas produtivas dos atores na sua interface com a perspectiva do DRS.

## **1.2 Metodologia**

Este trabalho se constitui, utilizando da abordagem metodológica quali-quantitativa, Para Ensslin e Vianna (2008, p.8) “Considera-se que a pesquisa de predominância quali-quantitativa pode ser utilizada para explorar melhor as questões pouco estruturadas, os territórios ainda não mapeados, os horizontes inexplorados, problemas que envolvem atores, contextos e processos”, vale a pena ressaltar que o quantitativo é sobre a amostra estudada.

Para levantamento dos dados foi utilizado a metodologia da pesquisa de campo, onde foram entrevistados 40 agricultores rurais com racionalidade convencional, Basso e Gehlen (2016) por meio de entrevistas semiestruturadas Apêndice 1, esses agricultores residem em municípios da região oeste paranaense mais precisamente em Toledo, Marechal Cândido Rondon, Pato Bragado e Mercedes. Cabe ressaltar que os agricultores são similares, na sua

racionalidade produtiva, para que não ocorra discrepância nos resultados. Esses agricultores foram separados em dois grupos: um de agricultores cooperados a cooperativas agroindustriais e não cooperados. Para escolha desses agricultores foi utilizado o método de amostragem casual, por proximidade de grupos de interações sociais com o pesquisador, localidade e convivência.

O alvo do estudo foi analisar as práticas sociais de agricultores associados a cooperativas e não associados a cooperativas no intuito de verificar essas diferenças entre as práticas sociais desses agricultores e como cada agricultor está contribuindo para o desenvolvimento rural sustentável. Para realização desta comparação a pesquisa embasou-se no método de estudo de caso.

Como a pesquisa depende do entendimento das teorias das matérias do desenvolvimento rural sustentável para seu delineamento, foi necessário ambientar-se nos campos das pesquisas bibliográficas assim como análise nas pesquisas documentais. Bocatto (2006) argumenta que pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos já publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas existentes sobre determinados assuntos. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre os temas teóricos abordados na pesquisa.

Para melhor conhecer a realidade dos agricultores foi necessário identificar o perfil dos mesmos assim entrou aqui a pesquisa de campo, com entrevista semi-estruturada. Segundo Fonseca (2001) a pesquisa de campo é ferramenta que busca informação direta da população pesquisada, nesse caso o pesquisador deve ir onde o fenômeno ocorreu para levantar a informação e documentá-la, utilizando também da pesquisa descritiva.

A pesquisa terá caráter descritivo exploratório, pois aprofunda o conhecimento através da exploração de dados a serem coletados em determinados locais através de questionário assim como observar o objeto de estudo, Mattar (2001) corrobora dizendo que a pesquisa deve prover conhecimento sobre o tema ou problema, entendo que é necessário levantar conhecimento para familiarizar o pesquisador, estabelecendo conceitos e obtendo informações, cumprindo assim com os objetivos da pesquisa.

Sendo assim é necessário entender a conduta dos atores na sua sociabilidade dos mercados. O quadro a seguir, apresenta as dimensões, variáveis e indicadores a serem investigados desses agricultores familiares.

Quadro 1: Dimensões, variáveis e indicadores da pesquisa.

Dimensões	Variáveis	Indicadores
Econômico	Comercialização e socialização em mercados	Práticas utilizadas: Circuito de comercialização curtos ou longos (Institucional) (governamental, PAA PNAE), independente (Feiras, Porta a porta)), Mercado cooperativista Nicho (orgânico) Virtual (à distância)
	Produtos comerciais (agrícola e não-agrícola)	Características do sistema produtivo Produtos comercializados Produtos agrícolas com valor agregado Produtos não-agrícolas Venda de trabalho Venda de horas máquinas
	Renda	Dependência de renda externa Estabilidade de renda Dependência da renda Estabilidade financeira
	Infraestrutura	Casa Carro Maquinas Galpão
Ambiental	Práticas ambientais	Manejo de cultura (Preparação do solo, controle de pragas, colheita) Agroecologia Tipos de sementes utilizadas Certificação agroecológica Educação ambiental (saberes ecológicos) Leis (Atender as leis específicas da área)

	Práticas externas	Assistência técnica especializada na área Compra de insumos
Social	Qualificação profissional	Escolaridade Palestras Informações Cursos
	Organizações políticas, econômicas e sociais.	Comunidade da Igreja Grupos/associações Cooperativas Sindicato
	Sucessão familiar	Escolaridade Formação profissional Local de trabalho (Todos exercem função na propriedade) Nº de Membros na família
	Lazer	Festas Cinema Visitas (Parentes) Futebol

Fonte: Autor 2018

A lógica da apresentação desse quadro é para nortear os direcionamentos do que o resultado deve apresentar, a fim de compreender e responder os objetivos desse trabalho.

### 1.3 Organização da dissertação

A dissertação é composta por cinco capítulos e as conclusões finais, o primeiro é a introdução que tem como objetivo a apresentação da temática assim como nortear o leitor sobre o que ele vai encontrar dentro da dissertação.

Em sequência o capítulo II é a apresentação do referencial teórico adentrando nas particularidades do desenvolvimento rural sustentável, de uma forma que apresente ao leitor as variadas definições que o desenvolvimento rural sustentável e seus significados, para que se entenda o porquê de estudar o DRS, ainda no mesmo capítulo, outro tema abordado é o de agricultura familiar, é nela que nosso objeto de estudo o produtor rural está indexado. Por

fim esse capítulo, ainda apresenta um contexto histórico do cooperativismo e sua evolução até chegar nesse modelo que é hoje e que fomento a economia da região.

O capítulo III avança aos resultados obtidos a fim de apresentar o objeto de estudo e as práticas sociais utilizadas por eles para alcançarem seus objetivos de vida e se os mesmo estão em consonância com o desenvolvimento rural sustentável.

Por fim o capítulo IV apresenta as conclusões finais da dissertação e apresentação da síntese total trabalho.

## 2 REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO

### 2.1 Desenvolvimento rural sustentável

Ao entrar no debate e apresentar o que é desenvolvimento rural sustentável é necessário entender como nasce e ganha força essa noção, Almeida (1995) discorre sobre os termos, argumenta que a palavra desenvolvimento ganha força no século 20, perto da década de 50 onde o desenvolvimento substitui a palavra progresso utilizado até então. O mesmo autor informa que o termo começa a ser usado por (neo) liberais, que associam a palavra com crescimento e serve para medir as taxas de desemprego, emprego e consumo por exemplo, já que a palavra progresso viabilizava apenas aspectos quantitativos foi trocada por desenvolvimento, pois enquadrava aspectos e iam além do socioeconômico.

Ainda o mesmo autor crítica que a visão por ser empregada por países evoluídos em tecnologia e riqueza, acaba assimilando mais uma vez o desenvolvimento a esse fator, crescimento, porém com menos críticas, pois o termo emplaca questões mais sociais e suas variações.

Para reforçar essa ideia Navarro (2001) afirma que a palavra desenvolvimento ganha esse tom, pois entra a década de 50 a 70 o mundo vivia polarizado pela guerra fria, onde o termo ganha a conotação de quanto mais modernizado o país, mais desenvolvido ele pode ser.

Nessa ótica da guerra fria, Navarro (2001) afirma que os países alinhados ao socialismo buscavam no termo de desenvolvimento aplicações como a distribuição de renda e diminuição da miséria, pensando mais no fator humano. Ressalta-se que o período de expansão econômico puxado pelo, Estados Unidos vai até 1970.

É em 1960 que Estados unidos e países da Europa percebem um campo de ampliação econômico, com agricultores “empresarias” e indústrias alimentares assim apresenta-se a necessidade ampliar o termo para o mundo rural (NAVARRO, 2001; ALMEIDA, 1995).

Os mesmos autores argumentam que é nessa época que aparece um novo movimento no campo, onde aparecem atores do meio rural que são mais individualistas e competitivos buscando na modernização seu crescimento mascarado de desenvolvimento rural.

Já quando a dinâmica do desenvolvimento rural é aplicada no Brasil pelos militares na década de 70 tem a mesma percepção americanizada do termo onde é preciso se modernizar, sendo conhecidos como revolução verde, os militares buscavam através de projetos aplicados em regiões mais pobres principalmente no nordeste viabilizar a implementação do desenvolvimento rural, pois entendia que a diminuição da pobreza e a melhora do bem estar social está condicionada a modernização da produção no meio rural uma vez efetivado pensava-se que ocorreria um efeito domino e uma coisa levaria a outra (NAVARRO, 2001).

Porém como o desenvolvimento rural aplicado por si só em forma de modernização não resolveu os problemas no campo é pensado ai que a necessidade de o Desenvolvimento rural deve ser sustentável, o pensamento nasce para mostrar que dentro do desenvolvimento ainda existe uma insustentabilidade que cria crises econômicas, ambientais e sociais (SCHIMIT, 1995).

Pode-se considerar que o termo desenvolvimento sustentável é atual, pelas questões de agravamento das mudanças climáticas, teve seus primeiros estudos realizados pelas organizações das nações unidas (ONU) com o relatório intitulado relatório Brundland do ano de (1987) como resposta para crise ambiental e social vivida na metade do século XX (BARBOSA, 2008).

Este mesmo estudo delimita o significado de desenvolvimento sustentável como “aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas necessidades e aspirações”, ou seja, propiciar um futuro que se sustente.

Barbosa (2008) ainda argumenta que o estudo realizado pela ONU entregue no encontro mundial chamado de “ Rio 92” do ano de 1992, determina que a pobreza generalizada é inevitável e que as cidades precisam se desenvolver e oportunizar a melhoria de qualidade de vida para a sociedade.

Por tanto, como isso abre precedentes para várias interpretações de qual o significado real do que realmente é desenvolvimento rural sustentável, apresenta-se as contribuições de vários autores que trabalham atualmente com a temática a fim de compreender o real significado.

Já alerta Schneider (2004) que para uma análise apropriada dos processos de mudança socioeconômicos, ambiental e cultural, que possui seu

lugar nos espaços rurais e seus promotores externos, “requer o enfrentamento da espinhosa tarefa de definir o que se entende por desenvolvimento rural. ” (SCHNEIDER, 2004 p.93)

Entende-se que exista uma privação da liberdade desses atores do campo, pois se sabe que a evolução tecnológica no meio rural avança em larga escala, assim como os grandes atores econômicos acabam, ditando as regras para a sobrevivência desses agricultores familiares dificultando, por exemplo, o acesso à tecnologia ao agricultor familiar por exemplo.

A primeira análise pode partir do ponto de vista de alguns indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano- IDH, pressupondo que desenvolvimento rural sustentável deve proporcionar um aumento de qualidades e oportunidades para seus atores e sociedade em geral, oportunizando alcançar condições de ganhos econômicos, sociais, ambientais, políticos e culturais, ou seja, propiciar um bem-estar comum entre seus participantes.

A definição do que seja exatamente “desenvolvimento rural”, em tais ações, igualmente tem variado ao longo do tempo, embora normalmente nenhuma das propostas deixe de destacar a melhoria do bem-estar das populações rurais como o objetivo final desse desenvolvimento (adotando indicadores de ampla aceitação) ou seja, vai de encontro com os indicadores usados para medir o IDH. (NAVARRO, 2001).

Já Schneider (2004) em análise a outros autores, levanta quatro seguimentos chaves para se entender o significado de desenvolvimento rural, “a erradicação da pobreza rural, a questão do protagonismo dos atores sociais e sua participação política, o território como unidade de referência e a preocupação central com a sustentabilidade ambiental” (SCHNEIDER, 2004 p.93).

Entretanto alguns autores, como Costabeber e Caporal (2003) argumentam que é necessário desmontar o conceito genérico de desenvolvimento rural sustentável que é criado pelos países já desenvolvidos por meio da lógica da modernização, que tentam implementar a ideia de que os problemas do meio rural são combatidos com a implementação de novas tecnologia agrícolas, , mesmo que são elas que geram outros problema como de saúde, exemplo os agrotóxicos, que são uma tecnologia vista como salvadora do meio rural porém vem causando problemas de saúde nos agricultores.

Afirmando isso, Boff (2012) também indica que a pratica sustentável atual não se sustenta e que para ser um modelo justo devem-se respeitar os seguintes pontos,

sendo economicamente viável socialmente justo e ambientalmente correto. Só assim o modelo sustentável permitirá um desenvolvimento não apenas para acionistas, mas sim para sociedade como um todo.

Segundo Costabeber e Caporal (2003), agroecologia é tomada como uma ciência, tendo o princípio útil de mudanças conceituais, tecnológicas, metodológicas, organizacionais, assim assumindo uma postura de uma das práticas estratégicas que poderá vir a ser um indicador para o delineamento do significado do DRS.

Outros conceitos atrelados ao pensamento de desenvolvimento rural sustentável é a própria sustentabilidade e economia solidaria, como forma de distribuição de renda e comercialização.

É necessário também expor pensamentos sobre sustentabilidade, pois é pela sua existência que se busca a cooperação, para Jacobi (2003) as questões que abrangem uma sustentabilidade e o ambientalismo estão hoje associados às necessidades de se constituir uma sociedade igual, acabando com os desiguais à ênfase dos direitos sociais, ao impacto da degradação das condições de vida salientes da degradação socioambiental, notadamente nos grandes centros urbanos, assim como, à imprescindibilidade de aumentar a assimilação, pela sociedade, do reforço a práticas centradas na sustentabilidade, sendo mostrada aos mesmos, por meio da educação ambiental.

Corroborando com esta ideia Zonin (p.28, 2007) afirma que “a sustentabilidade é a interação complexa de todas as dimensões: ecológica, técnica, social e econômica, de nossos sistemas alimentares.” Demonstrando, novamente a amplitude do termo da sustentabilidade.

Ao que tange a sustentabilidade e cooperativismo Del Grande (2014) apresenta suas complementações da seguinte forma, No Brasil as cooperativas fazem diferença, pois auxiliam a melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nas comunidades que estão inseridas,

Nessa linha de raciocínio, já demonstra como os sistemas cooperativos ajudam não somente o rural, mas como toda a sociedade que é envolvida a se desenvolver, aspecto esse importante para o desenvolvimento sustentável, preservando o hoje pensando no amanhã.

Segundo a Organização Brasileira das Cooperativas -OCB- (2007), a prática cooperativa é a ação de atores em formas de cooperação, trabalhando juntos para

alcançar um objetivo em comum, tornando-os indivíduos, de mentalidade mais flexível, participativa, humana e solidaria.

Singer (2002) comenta sobre economia solidaria, que tem em seu objetivo principal, formação de uma empresa solidaria, onde trabalhadores coordenam a tomada de decisões, realizam autogestão passando por eles todas as decisões dessa empresa solidaria, para juntos, resolverem os problemas e ações que a empresa deve seguir, constituindo assim, uma cooperação ou cooperativa.

Visto que a junção de todos os elementos como ambientalismo, cooperativismo, qualidade de vida, igualdade entre outros, é necessário para formular o pensamento de desenvolvimento rural ainda, não foi apresentado com que forma de modelo produtivo poderia alcançar esse objetivo, a maioria dos autores citados eles argumentam que o caminho é através da agricultura familiar, pois a mesma apresenta variedade de produção.

Ainda que a sabedoria convencional diga que as pequenas explorações agrícolas familiares são atrasadas e improdutivas, a investigação mostra que as pequenas explorações são bem mais produtivas que as grandes explorações agrícolas se considerada a produção total em vez da produção de uma só colheita. (ALTIERI, 2012 p.12)

O autor elenca bem, que a propriedade de agricultura familiar é imprescindível no que tange a soberania alimentar, pois é nessas pequenas propriedades que são produzidas de fato a diversidade alimentícia que chega a mesa da população.

Afirmando esta ideia Boff (2012) descreve em seu livro intitulado “Sustentabilidade: o que é e o que não é” que a necessidade de se pensar nesse assunto é de imediata importância, argumentando que é necessário encarar a “sustentabilidade como uma questão de vida ou morte” subentendendo-se que exista uma preocupação com essa temática.

Em contrapartida Boff (2012) acusa uma falsidade por parte daqueles que usam a ecologia para mascarar os problemas de agressão a natureza, sendo que, a maioria daquilo intitulado de sustentável, não é, pois sabe-se que em alguma etapa da produção daqueles objetos irá ocorrer algum deslize, seja no descarte ou emitindo algum resíduo poluente.

Ainda o mesmo autor critica fortemente o modelo-econômico utilizado na produção-consumo, insinuando-o uma falta de compaixão entre os envolvidos,

agravando a fome mundial, Boff (2012) diz que atualmente exista aproximadamente um bilhão de esfomeados no mundo, criando uma situação de desigualdade social alarmante.

Com tudo, Boff (2012) também indica que esse modelo sustentável atual não se sustenta e que para ser um modelo justo devem-se respeitar os seguintes pontos, sendo economicamente viável socialmente justo e ambientalmente correto. Só assim o modelo sustentável permitirá um desenvolvimento não apenas para acionistas, mas sim para sociedade como um todo.

O desenvolvimento da agricultura familiar contribui diretamente para o desenvolvimento da sociedade em que ela está inserida, já que desempenha variadas funções de interesse público, dentre as quais se destacam a produção de alimentos em quantidade, qualidade e diversidade; a conservação dos recursos naturais; a geração de postos de trabalhos dignos; a conservação e a revitalização das culturas rurais; e a dinamização econômica do mundo rural. (ALTIERE, 2012 p.22)

Na parte a seguir, percorrerá nos conceitos de econômico, ambiental e cultural, a fim de gerar conceito as variáveis estudadas para gerar respaldo teórico dos dados qualitativos e quantitativos da pesquisa.

### **2.1.1 Econômico, ambiental e Social.**

É correto afirmar que desenvolvimento rural sustentável-DRS-, não é apenas a junção de três variáveis como econômico, ambiental e social, mas levando em consideração o recorte usado na introdução e criando um recorte possível de ser mensurado foi montado esse capítulo poderá elencar quais as definições importantes dessas variáveis que auxiliam no DRS.

Para Almeida (p.11, 1996) “a ideia de desenvolvimento é reduzida à de modernização e, em consequência disso, os países do Terceiro Mundo são julgados à luz dos padrões dos países desenvolvidos.” Criando uma divisão econômica mundial, onde existem os países desenvolvidos que possuem a riqueza e os países subdesenvolvidos que buscam a Ascensão da riqueza.

O mais importante, todavia, é procurar uma explicação econômica para essas tendências demográficas. Afinal, um dos raros pressupostos que desfrutam de unanimidade entre os economistas é que a distribuição espacial da população corresponde, em última instância, ao rearranjo espacial das

atividades econômicas. E é aqui que aparece outro dos grandes obstáculos à renovação das ideias sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira: a poderosíssima, embora anacrônica, confusão que continua a se fazer neste país entre economia rural e economia agrícola, ou agropecuária. (VEIGA, 2001)

Ainda o mesmo autor decorre em seu texto que existem regiões rurais que são compreendidas por espaço de urbano e rurais e que apresentam níveis elevados de riqueza pelo fato da região ter essa exploração e economia formada pela atividade agrícola, ou seja, fomentando a ideia de que o espaço rural sozinho pode ajudar a economia de uma região a se desenvolver.

No entanto é válido ressaltar que exista desigualdade econômica no campo, para José Eli da Veiga (2001), explica que no passado o produtor rural ter atividade complementar para gerar renda era uma demonstração de que ele não era desenvolvido e não poderia se manter no campo, porém o mesmo desmistifica esse pensamento, informando que a pluriatividade hoje é item utilizado para melhorar a qualidade de vida desses agricultores e auxilia no Desenvolvimento rural sustentável.

Esse é particularmente o caso dos estabelecimentos agrícolas nos quais o núcleo familiar constitui uma pequena empresa, geralmente informal. Eles são férteis mananciais de habilidades empreendedoras e estimuladores de uma fortíssima ética do trabalho. Muitas das pequenas empresas comerciais, artesanais, ou polos industriais que mais diversificam as economias locais germinam nesse tipo de organização. Além disso, uma necessidade objetiva incita essas famílias a também exercerem atividades externas à agropecuária, fazendo-as "pluriativas", no jargão dos especialistas.

A ideia que ressalta nessa citação justamente serem a capacidade de o produtor gerar novas fontes de renda para complementar a renda de sua renda condizente ao seu sistema produtivo.

Nesse modelo de pensamento adentra o pensamento de Callou (2007) onde o desenvolvimento territorial pode ser a solução de problemas gerados em lugares específicos, onde também passa pela mão dos indivíduos presentes no local a se unirem para solucionar os dramas vividos ali. No caso desse recorte o local é o espaço rural.

Uma das problemáticas locais do rural se apresenta como problema ambiental, problemas de degradação do solo, climáticos, uso exagerado de

insumos químicos, utilização de defensivos agrícolas, gera problemas ambientais.

Para Romeiro (1996) cria-se um paradigma, pois, o pacote tecnológico é contabilizado na riqueza do mundo rural e ao mesmo tempo em que a riqueza e um indicador de crescimento econômico, que por sua vez faz parte do desenvolvimento rural ele acaba derrubando outro indicador do desenvolvimento rural sustentável que é a sustentabilidade que é formada pela variável do ambientalmente correto. Sendo assim é necessário criar divisões do que é ambientalmente correto como conceito do que é ambientalmente correto perante a lei, uma vez que muitos manejos são permitidos pela lei, porém sabe-se que criam desequilíbrio na natureza.

Posto isso, é necessário apresentar praticas que buscam esse reequilíbrio entre economia e sustentabilidade, para Soares (2007) é necessário que esse pensamento seja inserido na base da construção social dos indivíduos, ou seja, inserir o pensamento de sustentabilidade nas escolas, para isso fazendo uso da educação ambiental.

“A Educação Ambiental busca a comunhão com os princípios fundamentais de participação, cidadania, autonomia, familiaridade com a cultura local e sustentabilidade almejando uma educação que priorize, em suas bases epistemológicas e metodológicas, a formação de homens aptos a enfrentar os desafios socioambientais que em muitos casos são produtos de sua própria ação.” (SOARES, 2007, p. 37)

Buscando a flutuação em todas essas áreas o autor acredita que o mesmo terá discernimento a construir uma percepção saudável de sustentabilidade.

A partir do momento que o sujeito conhece esse tipo de educação pressupões que o mesmo busque por práticas que se adequem a essa postura, no caso produtivo é apresentado a eles a agroecologia.

A Agroecologia foi definida como um novo paradigma produtivo, como uma constelação de ciências, técnicas e práticas para uma produção ecologicamente sustentável, no campo. Neste Seminário, que congrega os mestres destas novas artes e ofícios, e eu não sendo o que conduz o arado, quem, com seu arado, remove a terra e planta a nova semente, que dirige um

olhar ao caldeirão no qual se fundem e se amalgamam os conhecimentos que promovem esta mudança de paradigma, sobre o próprio sentido do saber agroecológico. Porque, mais que poder instrumental, no concerto destes saberes se joga o renascimento do ser: da natureza, da produção, do agrônomo, do cientista, do técnico, do camponês e do indígena; a reconstrução do ser que finda sobre novas bases o sentido da produção e abre as vias a um futuro sustentável. (LEFF, 2002, p. 36)

Com essa perspectiva aprofunda-se que para ter um sistema produtivo agroecológico é necessário a participação de todos os envolvidos em uma rede, sendo assim a ação participativa dos indivíduos.

A Agroecologia, que propõe o desenho de métodos de desenvolvimento endógeno para o manejo ecológico dos recursos naturais, necessita utilizar, na maior medida possível, os elementos de resistência específicos de cada identidade local. Em nossa opinião, a maneira mais eficaz para realizar esta tarefa consiste em potencializar as formas de ação social coletiva, pois estas possuem um potencial endógeno transformador. Portanto, não se trata de levar soluções prontas para a comunidade, mas de detectar aquelas que existem localmente e "acompanhar" e animar os processos de transformação existentes em uma dinâmica participativa. (GUZMÁN, 2001, p. 36)

Entendo essas primícias, de produção sustentável e necessitando da interação dos indivíduos para construção de uma agricultura mais participativa e menos desigual, é necessário entender o que é agricultura familiar.

## **2.2 Agricultura familiar.**

A agricultura familiar, ator fundamental para que ocorra o desenvolvimento rural sustentável, possui um fato histórico onde gerou sua popularização. Veiga (1996) argumenta que ao fim do século 19 existe uma modernização da agricultura onde sua expansão se dá na Inglaterra, com o seguinte modelo onde existem empreendedores rurais arrendatários, movimento esse que dura fortemente até uma crise econômica em meados de 1900, com isso Inglaterra se espelha nas pequenas propriedades francesas camponesas, onde gera o pensamento da necessidade uma reforma agrária.

Ainda o mesmo autor afirma que esse modelo de propriedade se popularizou através das nações desenvolvidas que realizaram a reforma agrária, onde obteve a aplicação dessas políticas por parte do estado.

No Brasil, o sistema agrícola ganha força no sistema produtivo patronal agro cafeeiro, esse sistema que tem seu crescimento até a década de 30 onde a crise de 29 quebra grandes fazendeiros, assim o colonato da época se apresenta querendo comprar partes das terras dos fazendeiros políticos, nesse momento em diante nasce no Brasil dois movimentos sociais camponeses do nordeste e o movimento sem-terra sulista que juntos quase conseguem que na década de 60 do século 20 pressionar João Goulart a escolher pela agricultura familiar, porém nos 20 anos subsequentes no período militar o Brasil se tornou novamente patronal, asfixiando a jovem agricultura familiar (VEIGA, 1996, p. 387).

Surge então na década de 90 do século 20 nova pressão de movimentos sociais do nordeste e sul do Brasil onde através da pressão conseguem um grande avanço para estabilização da agricultura familiar, a criação do PRONAF -Programa Nacional de Fortalecimento De Agricultura Familiar- que concede financiamentos a pequenas propriedades que possuem dificuldades em se manterem (SCHNEIDER, 2003).

Assim faz necessário se entender do ponto de vista normativo que parametrizam o agricultor a se enquadrar como estabelecimento de agricultura familiar é necessário entender, segundo a Constituição brasileira, materializada na Lei nº 11.326 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar àquele que desenvolve atividades econômicas no meio rural e que atende alguns requisitos básicos, tais como: não possuir propriedade rural maior que quatro módulos fiscais<sup>1</sup>; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural.

Já Schneider (2003) aponta que uma das características da agricultura familiar é a questão da pluriatividade na propriedade, o autor explica que a pluriatividade é

---

<sup>1</sup> \*O módulo fiscal é uma unidade territorial agrária, fixada por cada município brasileiro baseados na Lei Federal nº 6.746/79. O tamanho do módulo fiscal, para cada município, é determinado levando-se em consideração: o tipo de exploração predominante no município e a renda obtida com ela; outras explorações importantes (seja pela renda ou área ocupada) existentes no município; e o conceito de "propriedade familiar", definido pela Lei nº 6.746/79. O módulo fiscal varia de 5 a 100 hectares, conforme o município.

exercida por algum membro da família, que pode ser ou não atrelado a atividades agrícolas, sendo fator essencial para sobrevivência da família.

Kageyama e Bergamasco (2013) aproximadamente 84,4% dos estabelecimentos agropecuários do país são pertencentes a agricultura familiar. Totalizando 4,36 milhões de estabelecimentos agropecuários. Entretanto, a área ocupada pela agricultura familiar era de apenas 80,25 milhões de hectares, o que corresponde a 24,3% da área total ocupada por estabelecimentos rurais. Essa representatividade demonstra o tamanho da importância da agricultura familiar para o sistema agrário Brasileiro

Segundo o último censo agropecuário realizado em 2006 No Paraná, dos 371.051 estabelecimentos agropecuários existentes, 81,63% se enquadraram na categoria agricultura familiar, ocupando 27,8% da área total dos estabelecimentos. Eles também respondem por 43% do Valor Bruto da Produção (VBP) do estado e, principalmente, abrigam 70% do pessoal ocupado. Segundo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – (IPARDES) (2006).

Continuando o recorte, ainda segundo a IPARDES a mesorregião Oeste é considerada maior detentora de estabelecimentos da agricultura familiar no paraná, detém o número de 43.752. Rendendo 110 mil ocupações empregatícias, Número surpreendente se considerar o fato da região possuir uma ou duas culturas de commodities (Soja e Milho), a pesquisa ainda aponta que este fato se deve a união dos avicultores e grandes abatedouros, estes resultados apontam que no oeste paranaense a agricultura familiar é forte.

### **2.3 Cooperativismo: historicidade e suas aplicações a agricultura familiar.**

Entende-se por cooperativismo a iniciativa de cooperação, iniciativa de um ajudar o outro, tendo como regra de negócio, ajudar a atender as necessidades de seus associados, assim como de terceiros que atuam como clientes (LEOPOLDINO p.12, 2008).

Segundo Santos e Ceballos (2006) o cooperativismo apareceu a primeira vez no século XIX fruto do desemprego gerado pela revolução industrial, na Inglaterra, com a iniciativa de tecelões que buscavam melhores condições de trabalho.

No Brasil em 1847 teve sua primeira iniciativa cooperativista com o nome de colônia Tereza Cristina nos moldes dos ideais de Charles Fourier<sup>2</sup>, mesmo que breve sua existência, contribuiu na história para o aumento da iniciativa cooperativista no país (BENATO 2002) as demais cooperativas são frutos das imigrações principalmente ao rio grande do sul, onde colônias alemãs, servindo de início para própria defesa dos imigrantes no novo território hostil (MARANDOLA E RODRIGUES ,1989)

Apesar de suas experiências no século XIX, as cooperativas começaram a sua expansão após a segunda guerra mundial.

Segundo Cremonese e Schallenberger (2005) corroboram que o cooperativismo teve que acompanhar as mudanças históricas e as crises globais, sendo fundamental para o desenvolvimento local.

No Paraná, o período de crescimento das cooperativas acompanhou o cenário nacional e as cooperativas agrícolas, em especial, começaram a surgir a partir da década de 1940; mas é a partir de 1970, acompanhando o dinamismo econômico do período, que as cooperativas começaram a se expandir e a se tornar estruturas fundamentais inseridas na realidade econômica da região. As cooperativas passaram a desempenhar um papel fomentador do desenvolvimento econômico pela mediação e articulação que exerceram entre os diferentes agentes econômicos, sendo braços importantes para a integração do setor produtivo ao mercado. (CREMONESE;SCHALLENBERGER 2005, p.55)

Dowbor (2016) comenta que em uma era de crises a nível global e fragilização nos níveis mais amplos, um poder local, pode oferecer oportunidades importantes para desenvolvimento econômico, cidades pequenas e médias podem gerar ambientes mais saudáveis, riqueza de vida cultural, espaços de lazer, sistemas locais de crédito, melhor educação e assim por diante. No nível local, as pessoas podem se organizar para que a suas cidades, com o entorno rurais, passem a funcionar de maneira inteligente, gerando mais resiliência e bem-estar, sendo um dos fundamentos do cooperativismo.

O Oeste do Paraná representa, na estimativa populacional de 2017, 11,47% da população do estado (1.309.564 de habitantes), dos quais 14% são

---

<sup>2</sup> \*François Marie Charles Fourier foi um socialista francês da primeira parte do século XIX, um dos pais do cooperativismo.

considerados como população rural. Embora esta porcentagem expresse um levantamento censitário, os municípios da região Oeste são essencialmente rurais, tendo na agricultura, sobretudo na sua forma familiar (82% dos estabelecimentos agropecuários do Oeste pertencem a agricultura familiar) o principal setor econômico dessa mesorregião. A região apresenta os maiores efetivos de produção agropecuária do estado, com cadeias produtivas bem desenvolvidas e cooperativas agroindustriais em evidência pelo seu alto faturamento (OBSERVATÓRIO TERRITORIAL, 2018).

Os estudos realizados pelo Observatório Territorial (2018) apresentam que 89% dos estabelecimentos agropecuários do Oeste Paranaense estão associados à alguma cooperativa. Juntas, as cooperativas do Oeste apresentavam em 2016, cerca de 50 mil associados e investimentos que somavam 772 milhões de reais. Dentre as quinze maiores cooperativas do estado, sete encontram-se no Oeste do Paraná e são responsáveis por 4% das exportações do país. Esses valores representativos demonstram o potencial das cooperativas empresariais do agronegócio que atuam, sobretudo, no mercado de commodities e contam com fortes subsídios de crédito e exportação. No entanto, há uma categoria de cooperativas que não são representadas pelas mesmas estratégias que as cooperativas do agronegócio, e buscam na autogestão e solidariedade seus princípios de existência e sobrevivência. São as cooperativas solidárias da agricultura familiar.

Atuando como uma alternativa ao sistema agressivo do capital competitivo, a economia solidária é uma ferramenta de desenvolvimento, um “processo de fomento de novas forças produtivas e de instauração de novas relações de produção, de modo a promover um processo sustentável de crescimento econômico, que preserve a natureza e redistribua os frutos do crescimento a favor dos que se encontram marginalizados da produção social e da fruição dos resultados da mesma” (SINGER, 2004, p. 07). Sachs (2003, p. 81) preconiza que a economia solidária “pressupõe uma espécie de revolução cultural, a rejeição dos valores liberais e individualistas, que veem no darwinismo social a força motriz indispensável do progresso”.

Nesse sentido, a economia solidária apresenta-se como uma alternativa de organização social que almeja como objetivo principal a qualidade de vida das pessoas. Agricultores, trabalhadores, consumidores se relacionam melhor,

produzem de maneira sustentável, comercializam de maneira justa e consomem com menor dispêndio de capital (SINGER, 2013). Em suma, a economia solidária foi idealizada para “proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma vida melhor” (SINGER, 2013, p. 114).

Em consonância com estes resultados a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná - Ocepar (2018) informa a existência de 15 cooperativas no oeste do paraná que trabalham com o quesito de agropecuária, porém dessas cooperativas apenas duas trabalham voltadas especificamente a cooperativas agro familiares, isso remete a dificuldade e a barreira que o agricultor familiar tem de acesso ao mercado, sabendo que.

Segundo Perossi e Pichi (p.8 2017) “A forma mais eficiente e eficaz de realizar essa inserção dos pequenos produtores no mercado é a constituição de cooperativas, que virá a se tornar um núcleo de gerenciamento, treinamento e informação aos produtores”

Observa-se que o agricultor familiar, que busca ser sustentável ganha força em modo de cooperação nas cooperativas de agricultura familiar sustentáveis, pois juntos galgam mais chances de se inserir no mercado.

Em consonância com o cooperativismo Singer (2002) propõe que a economia solidaria é uma resposta ao modelo capitalista e sua incapacidade de atender os anseios e integrar a sua economia todos que tem iniciativa e desejo de trabalhar, pensamento este essencial para o modelo cooperativista. Alia-se a este pensamento que para realizar desenvolvimento o processo deve ser economicamente viável e ocorrer solidariedade interna. Pois o objetivo principal da economia solidaria e do cooperativismo é ser sustentável ao ponto de que beneficie as partes envolvidas.

Ainda, Singer (2002) afirma que o trabalho na economia social e solidária, pelo modo de gestão que lhe é próprio, tende a aumentar os processos de diálogos e interação entre os atores, propiciando que o circuito de doação e recepção de elementos necessários ao psiquismo se fortaleça. A oportunidade de falar e manifestar-se em assembleias e reuniões propicia ao sujeito a importância de fazer a diferença como um todo.

O Cooperativismo como economia solidaria possuem papel fundamental no desenvolvimento rural sustentável, pois visa, segundo as citações realizadas até aqui, a interseção e valorização de todos os sujeitos envolvidos propiciando ganho a todos

os atores envolvidos. Cremonese e Schallenberger (2005) colaboram argumentando que essas ações estão imbricadas como ajudar o vizinho nas derrubadas, na colheita, nas edificações da propriedade e, na soma, na construção do espaço público, são o perfil social do produtor rural de pequeno porte e que vão de encontro com os ideais cooperativos e da economia solidaria.

Visa-se então, atuação em rede desses atores, para uma nova forma de análise do mercado, Portilho (2009) argumenta que deve-se levar em consideração a materialização de valores, como o meio ambiente e justiça social, se aproveitando desses valores como objeto de agregação de valor no produto.

Assim Portilho (2009), ressalta que o sujeito consumidor será um ator importante nessa identificação do que é ou realmente não é sustentável, pois nesse mercado onde são postos os valores a pratica, o consumidor não é apenas um consumista alienado, mas sim um ator, que dependendo de seus valores éticos e morais consumirá os produtos que mais lhe importam e condizem com seu perfil.

Portilho (2009) discorre que a responsabilidade do “consumo responsável” se transfere do estado e mercado para o consumidor, tornando ator-rede chave, entre produtor, mercado e consumidor.

Essa responsabilidade é fundamental na questão de conscientização do consumidor, pois a agricultura familiar sustentável só alcançará um mercado maior caso as pessoas tomem ciência quanto aos benefícios sociais que estão atrelados ao consumo de alimentos de cunho sustentável e de seu manejo sustentável na produção.

Raud-Mattedi (2005) Corroborar esse pensamento embasado em Weber, argumentando que o mercado não é apenas movido por interesses, mas sim, por valores.

O mesmo autor ainda salienta sobre o pensamento egoísta dos atores consumidores nesse mercado, que só haverá bem-estar coletivo se esses atores deixarem de lado seus interesses individuais e egoístas. Ressalta-se que o pequeno produtor que não coopera pode ser um ator egoísta.

Seguindo esse contexto, entende-se que exista uma rede entre esse mercado sustentável, consumidor responsável e a cooperação do pequeno produtor, que tem como objeto norteador valores e bem-estar coletivo, responsáveis por moldarem esse mercado.

Já segundo Wilkison(2002) teorias econômicas, poucos oferecem estudos sobre esses pequenos agricultores, ele levanta que os estudos que existem falam em não ter espaço para competir em um mercado dominado pelos grandes produtores, ele salienta que na teoria neoclássica, esses pequenos empreendimentos rurais estão fadados a não serem competitivos.

Wilkison (2002) começa a salientar a importância da confiança que deve haver entre agricultores locais e clientes, assim como entre os próprios agricultores, fomentando um mercado onde a confiança gera um laço forte entre seus atores.

Essa confiança pode fortalecer o laço e gerar uma cooperação entre os pequenos agricultores familiares e nascer até uma cooperativa agroindustrial, sendo assim, é importante ressaltar a importância dessa cooperativa, como propulsora de gerador de laços fortes entre seus cooperados.

A presença da cooperativa como associação de indivíduos na agricultura familiar é importante para seu desenvolvimento, pois:

A sua presença permite identificar uma organização social e produtiva num território que se tornou expressão de um conjunto de relações sociais materializadas nos resultados da cooperação e que, a partir destas relações, criou espaço para a definição de competências e estratégias para o seu desenvolvimento. Tem um sistema produtivo organizado que sugere a possibilidade da apreensão de um elemento identificador do perfil do desenvolvimento regional. A produção social do espaço agrícola do oeste do Paraná é a expressão da relação do homem com o seu meio, materializada através das práticas culturais trazidas pelos movimentos migratórios e recriadas a partir das ondas modernizantes, dos pacotes tecnológicos, dos apelos do mercado e do constante processo de universalização da cultura. (CREMONESE;SCHALLENBERGER 2005 p.61)

Entende-se que, além de propiciar uma concorrência digna no mercado, a associação de produtores rurais pode ajudar em todos os quesitos do desenvolvimento rural sustentável, contribuindo para melhoria da economia local, cultural, social e sustentável.

A importância da cooperação destes agricultores auxiliará adentrar com maior robustez ao mercado, assim como se apoiarem no pensamento de agregar valores e assim fortalecer os laços fortes com o consumidor, lhes renderá força regional de mercado, porém é necessário, que os agricultores possuam conhecimentos de noções estratégicas de como galgar essas opções, o capítulo a seguir abordará de forma sucinta as questões estratégicas do meio rural.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O presente capítulo, os resultados e discussões obtidos através da pesquisa de campo, o qual teve como base para levantamento de dados um questionário semiestruturado (Apêndice 1).

O capítulo objetiva apresentar para análise os dados e percepções dos agricultores entrevistados, quanto as dimensões econômica, social e ambiental de seus estabelecimentos.

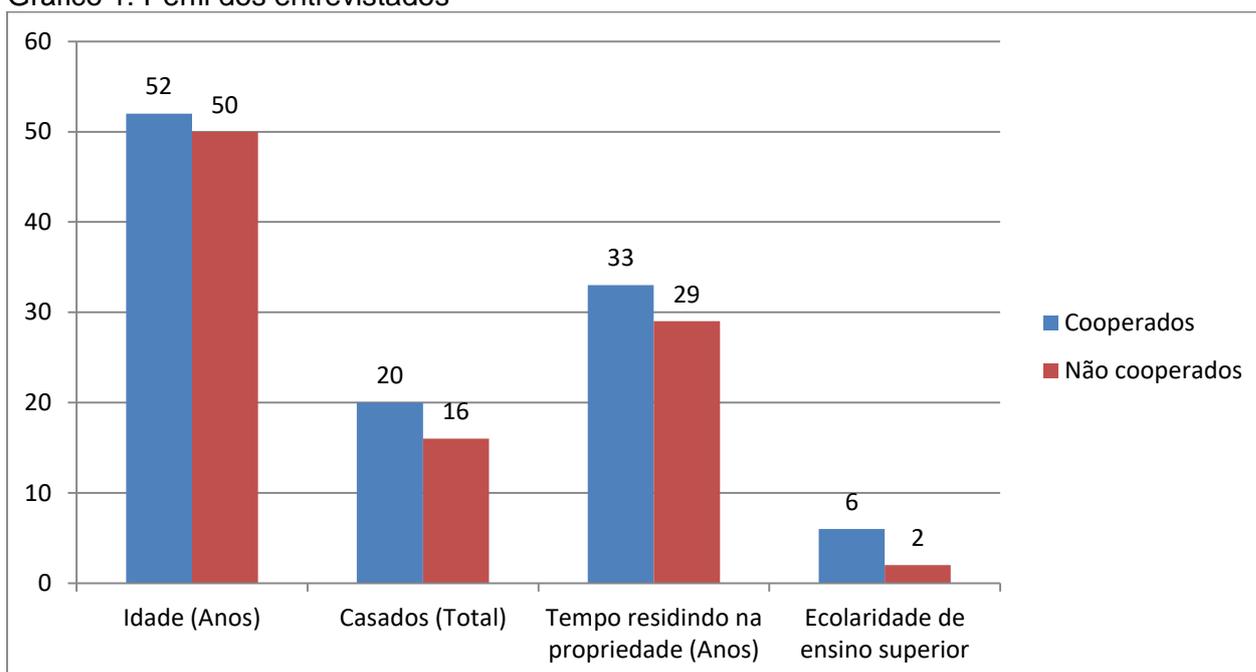
Para esclarecimento da leitura e seguindo a metodologia utilizada, os agricultores cooperados e não cooperados foram divididos em duas classes, sendo do número 1 aos 20 agricultores cooperados e do número 21 aos 40 agricultores não cooperados, portanto assim indicando ao leitor essa divisão para entender melhor os resultados.

O resultado desse processo de investigação realizado com esses agricultores busca demonstrar quais são as condutas produtivas com seus projetos de vida.

#### **3.2 Perfil das famílias cooperadas e não cooperadas.**

Para conhecimento e proximidades das realidades dos agricultores entrevistados esta parte apresentará o perfil desses agricultores que estão localizados no oeste do Paraná, nas cidades de Marechal Cândido Rondon, Toledo, Pato Bragado e Mercedes, foram entrevistados 40 agricultores, sendo dividido em 20 cooperados e 20 não cooperados.

Gráfico 1: Perfil dos entrevistados



**Fonte:** Autor 2018

Ao que tange o perfil dos agricultores pode-se perceber que a diferença entre cooperados e não cooperados apresentam peculiaridades entre si, sendo que cooperados possuem maior grau de estudo.

Outro dado que chama a atenção é que a média de idade menor demonstra que o não cooperado é mais novo, possuem alguns solteiros ainda e consequentemente moram a menos tempo em suas propriedades.

Pressupõe-se que a partir desse gráfico, o perfil das duas amostras possui padrões semelhantes, sendo assim, não gerando discrepâncias expressivas nas análises dessas variáveis: como idade, casamento, tempo na propriedade e grau de estudos. Outro fator a se indagar é referente ao grau de escolaridade, onde os agricultores não cooperados não possuem mais estudo de ensino superior que os cooperados, sendo que, quando o gestor do estabelecimento familiar é mais novo, solteiro poderia implicar por ter tempo livre e vida social ativa, porém é ao contrário, em um questionamento direto ao entrevistado 37, Ano 2018 ele responde:

“Até gostaria de estudar, fiz meu segundo grau completo até, me orgulho muito disso... mas a gente que é sozinho, tem que tocar tudo, não tenho mulher e aqui cada vez é mais difícil ter mulher, tudo vai embora e não tem mais bailão, a gente fica só (risos)”.

Essa fala chama a atenção para perspectiva social que um entrevistado solteiro não cooperado tem, evidenciando a falta de interações sociais no interior, que é ter

que trabalhar na lavoura, sozinho, assim isolando-o da sociedade e convivência social, tirando as possibilidades até mesmo da construção de uma nova família.

Esse ponto é crucial quando se comparado com a fala de um entrevistado cooperado 3, quando se indagado sobre sua família o mesmo responde “Sou casado a 29 anos, tenho 2 filhos”. Nota-se a diferença já na existência de uma família ali na propriedade entrevistador, ainda o mesmo entrevistado foi perguntado se poderia contar como conheceu a sua esposa? Também quais as ocupações de cada membro de sua família? Entrevistado 3.

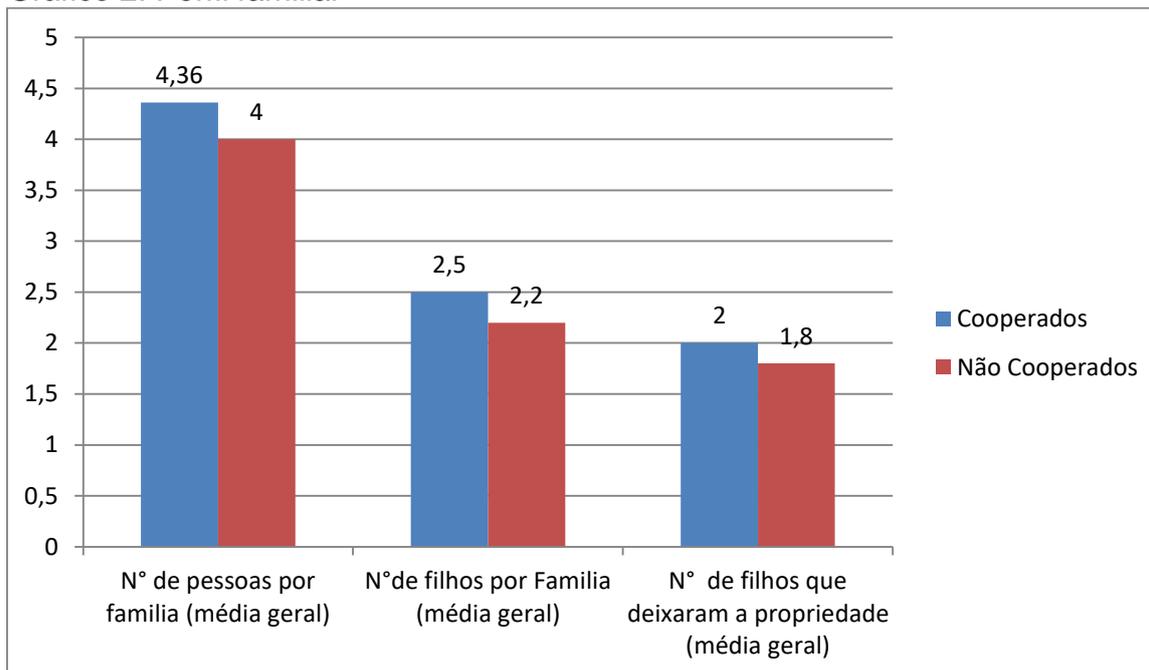
“Graças a deus conheci a minha Nena em jogos da –Associação Copagril do Jovem Cooperativista- ACJC, sabe? esses jogos que servem pra reunir os jovens da colônia, desde então tivemos dois filhos hoje os dois estudam, um já na faculdade terminando agronomia e o outro vai entrar na faculdade agora, o mais novo ainda ajuda no plantio e colheita, mas não quero que ele fique trabalhando só no pesado, quero que ele estude, o mais velho quer voltar depois de formado pra me ajudar e o mais novo disse que vai estudar administração para abrir a sua empresa.”

Esse relato ressalta a interação social que a cooperativa cria com seus cooperados, pois ali em uma de suas programações nasceu o relacionamento deles. Essa fala ainda nos remete, a outros dramas ou fenômenos que atingem as famílias ambas, cooperadas e não cooperadas, geram implicações ao desenvolvimento rural sustentável como: a sucessão rural, no que tange os filhos de agricultores saindo para estudar e alguns deles não volta mais a propriedade, criando a falta de mão de obra familiar, assim como não gerando mais relacionamentos no interior.

Nota-se também como esse drama gera a masculinização do campo onde é o homem que cuida da propriedade, assim como o envelhecimento, nota-se que a média de idade dos agricultores em si é avançada e não ocorre uma renovação pela saída de seus filhos da propriedade, pondo assim em risco até a continuidade de manter a propriedade, sendo que uma vez ficando cada vez mais velho o serviço braçal da lavoura se torna pesado inviabilizando sua continuidade.

O gráfico a seguir, vai abordar esse seguimento, sobre a sucessão familiar e comparar novamente os objetos do estudo, para entender qual a correlação do cooperado para o não cooperado no que tange as famílias.

Gráfico 2: Perfil familiar



Fonte: Autor 2018

Em análise ao gráfico podem-se interpretar certas regularidades nos padrões familiares, como proximidade de número de familiares morando juntos, não possuem muitos filhos e o número de filhos que deixam a propriedade. Esse último quesito é necessário o alerta, entender a saída dos filhos para fora de sua propriedade é um dos temas do desenvolvimento rural sustentável. Pois quando não existe quem mantenha as práticas de produções já existentes na propriedade, pressupõe-se que a propriedade quando herdada por quem não mora mais nela, possivelmente será vendida, assim acabando a prática de agricultura familiar naquela propriedade.

Sabe-se que Empresas de profissionais liberais, em sua maioria são os que compram as terras da agricultura familiar, gerando mais concentração de terra e produção de commodities, diminuindo assim com a variedade de alimentação postas à venda.

Porém a problemática de sucessão familiar no campo é um problema para essas famílias, ou elas se enquadram dentro de uma perspectiva que eles querem para eles mesmos e suas vidas?

Nas entrevistas com os agricultores tanto cooperados e não cooperados, as respostas foram semelhantes, existe uma vontade sim de o filho sair da propriedade, porém essa vontade se alia com o desejo dos pais de quererem uma vida melhor para os filhos, ou seja, o próprio produtor marginaliza/deprecia o seu meio de ganho de vida, achando que aquilo é pesado e mal visto pela sociedade, querendo então que

os filhos busquem estudar e ter uma vida melhor. Ou seja, sim. É uma prática de vida do produtor que leva a ter problemas na sucessão da propriedade, pois pra se sentir satisfeito ele quer que seu filho saia da propriedade, dar estudo e não velos mais ali, é um objetivo de vida do produtor, o que causa confronto com um dos objetivos do desenvolvimento rural sustentável que é criar oportunidade de sucessão familiar, nas conversas com os agricultores ficaram claro que alguns têm a esperança que um dos filhos retorne para ajuda-los, principalmente os que realizam cursos de graduação nas áreas das ciências agrárias.

Agora criar a relação entre as cooperativas, é necessário entender que a maioria das cooperativas grandes e já estabelecidas, possui planos para que os filhos de agricultores continuem em suas propriedades como o conselho do jovem cooperativista, cursos para filhos de agricultores, porém a necessidade de que os pais têm é que seus filhos saiam dessa vida sofrida, se oportunizando através dos estudos, pressupõe-se nesse quesito a cooperativa não encontrou solução para esse drama de sucessão sendo que é o mesmo problema para não cooperados também.

Sendo assim nessa conjuntura de realidades e dramas apresentados nesse capítulo, entende-se que os gestores de estabelecimentos familiares entrevistados nesta pesquisa, são centro de suas famílias, gerando certo patriarcado nas tomadas de decisões, evidência a masculinização do campo, essas perspectivas apresentam o envelhecimento do homem rural e falta de sua sucessão nos estabelecimentos rurais, tendo em vista a necessidade de que o atores do desenvolvimento rural sustentável para se alcançar devem analisar e apreciar as respostas obtidas nessa pesquisa para sanar tais dramas.

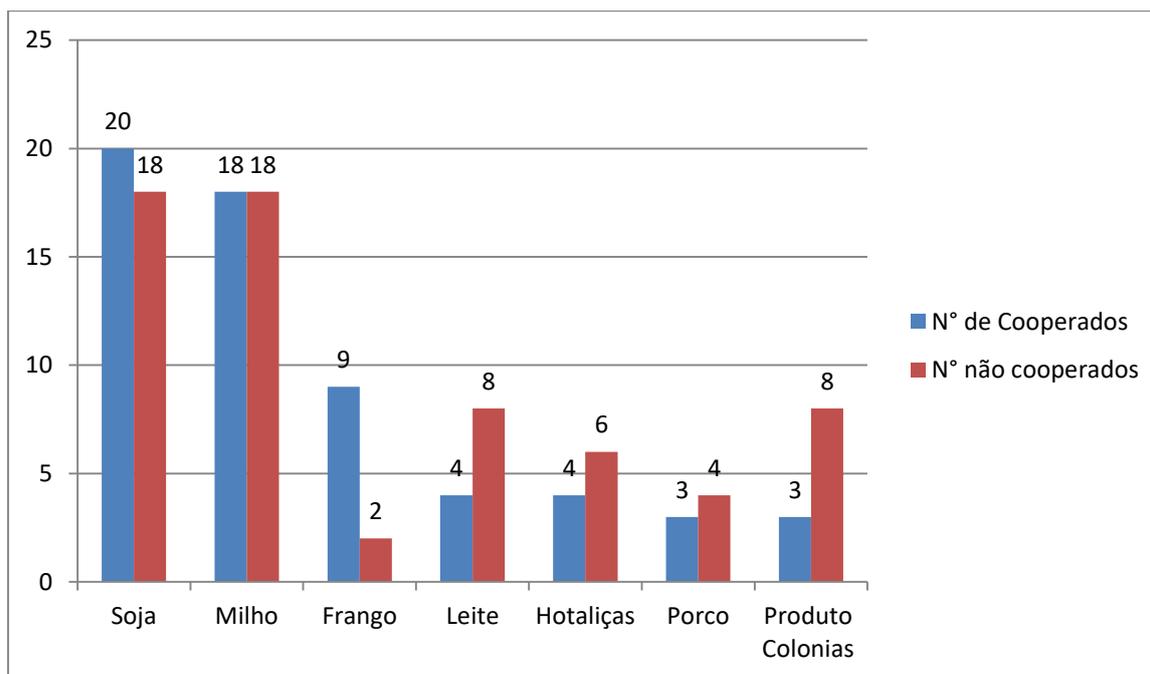
### **3.3 Projetos econômicos dos agricultores: realidades e perspectivas futuras**

Realiza-se aqui o recorte dos resultados econômicos, busca-se informar em primeiro momento a importância do lado econômico para o desenvolvimento rural sustentável, assim como explanar sobre as diferenças entre cooperado e não cooperado.

No primeiro momento, os questionamentos buscaram entender o projeto de vida dos agricultores, sendo assim para compreensão de onde é obtida a renda, foram indagados os entrevistados como eram a interação deles com o mercado e como eles oportunizavam as vendas de suas produções.

Ao que tange o questionário é necessário entender as diferentes realidades entre os agricultores de uma mesma região, questionados quanto ao tamanho de suas propriedades, média de agricultores cooperados é de 19,1578 hectares não gerando muita discrepância com os não cooperados que possuem aproximadamente 21,7217 hectares.

Gráfico 3: Sistemas produtivos



Fonte: Autor 2018

O gráfico 3 permite observar que devido ao tamanho da área os cooperados mantem sistemas produtivos concentrado nos cereais (Soja e Milho), e na produção avícola e suína (frango e leite), isso os auxiliar a manter uma renda satisfatória.

Já os não cooperados possuem sistemas produtivos que se orientam, na perspectiva da diversificação agrícola, ainda que mantenham os cereais, mas já é perceptível a presença de outras atividades, com destaque para horticultura e a venda de produtos coloniais. Isso demonstra que os cooperados tendem a especialização e os não cooperados a diversificação produtiva, pois para manter-se na atividade agrícola usam a diversificação como modo de resistência.

Esses dados corroboram com os estudos de Basso (2013). Sobre os agricultores modernos com racionalidade convencional e em transição.

Na ótica do desenvolvimento rural sustentável, a diversificação dos seus produtos é uma variável a ser alcançada, ou seja, o não cooperado está mais próximo

nesse item, por apresentar essa variedade de produção alimentícia em uma única propriedade, ajudando na soberania alimentar, por exemplo.

Além de, incluir ele no mercado interno, já que por sua vez o grande produtor rural latifundiário em sua maioria, está inserido no mercado de commodities exportando soja e milho ao mundo, sobrando ao agricultor familiar alimentar a população nacional justamente com essa diversificação de alimentação.

Uma alternativa para os agricultores em relação à produção de commodities seria a diversificação de suas mercadorias, pois flexibilizando seus processos produtivos o agricultor poderia atender com maior eficiência à diversificação da demanda, cada vez mais crescente para produtos diferenciados, como no caso dos alimentos tradicionais. (ZUIN E ZUIN, Pg. 117, 2008)

No caso cooperados, a produção de frango é o mais ofertado, tem-se em mente e nas respostas obtidas que a cooperativa fomentou o mercado aviário da região e com seus cooperados o que explicaria essa alta da produção de aves, e como ela é especializada em compras de commodities, fortalecendo e corroborando para que as aves sejam o terceiro produto mais produzido, integrando assim as três maiores cadeias produtivas, soja, milho e aves.

Já para os não cooperados é interessante ressaltar que seu modelo de inserção no mercado não é exatamente o mesmo que dos cooperados, já que por uma vez existe a entrega de leite não ligada a cooperativas e muitos deles estão envolvidos com a comercialização direta em feiras, por mais que sua soja e milho vão para a cooperativa, os mesmos são os que produzem mais variedades em maior quantidade de alimentos, como hortaliça e produtos colônias derivados de frutas e leite.

Como não existe obrigatoriedade de destinar a produção à cooperativa de mercado dos mesmos e eles não estão presos a uma empresa que revende seus insumos, eles tem a autonomia de negociar com quem desejam assim muitos deles praticam suas vendas em feiras, vendas porta a porta ou entregam na mão de atravessadores.

Causando aqui a perspectiva de autonomia desses agricultores não cooperados. Eles podem tomar suas decisões com base nas suas convicções do que é melhor para si. Segundo Carneiro (1998), a escolha de ser autônomo, cria no produtor rural um sentimento de controle da sua vida, podendo realizar seu cronograma sem depender de terceiros ou escolher o que quer produzir, assim como com quem deseja negociar.

### 3.3.1 Comercialização cooperado X não cooperados.

A rede de venda dos cooperados segue um padrão que na realidade é imposta pelas cooperativas. A produção de commodities e alguns agricultores certificados podem realizar suas vendas diretamente para as cooperativas, o excedente que as mesmas não ocupam ou não vendem a cooperativas, são revendidos diretamente por eles mesmos nas feiras, ou por terceiros que ocupam tendas nas feiras e revendem o produto desse produtor, tomando para si um percentual dos mesmos, ainda existem alguns agricultores que entregam sua produção principalmente de hortaliça e frutas a alguns atravessadores que realizam venda ambulante em seus municípios.

Esse pensamento é afirmado por Abromovay (1998) que mesmo em mercados convencionais há espaço para a agricultura familiar cujo desempenho deles em galgar esse espaço, como por exemplo entrega sua mercadoria em supermercados, atacadões e feiras, depende em grande parte de suas articulações e cooperações.

Ainda aos que produzem animais como frango, as cooperativas da região, se priorizam esses agricultores especializados, ou seja, a entrega continua nesse mesmo molde. Assim não é diferente para o leite, que trabalham com o sistema integrado, e com a cooperativa produtor 17” a gente vende para integrado, para a copragril, mas o mais importante é o integrado”

Muito dos agricultores familiares entrevistados relatam que a cooperativa foi quem incentivou a produção de frangos, para ter produção para seus frigoríficos abaterem, sendo assim o relato do entrevistado 6, 15, e 20 agricultores de aves e cooperados na mesma cooperativa relatam a prática que a empresa auxiliou os mesmos no início de seus empreendimentos rurais, os três relatam de forma idêntica as contribuições, mas o entrevistado 6 que relata como isso foi necessário para acrescentar um lucro melhor em seu modelo de produção.

“No início eu plantava apenas soja e milho, a terra era pequena, e o ganho era pouco, as máquinas eram arrendadas [...] Em uma assembleia anunciaram que a cooperativa ia abrir um frigorífico e ela ia auxiliar os produtores com assistência para quem queria abrir aviários em suas propriedades, então eu fui atrás, logo me ensinaram sobre como conseguir o financiamento e me ajudaram com o projeto e tudo que eu precisaria para manter a produção, então deu tudo certo no início, graças a Deus hoje eu consegui fazer mais um aviário e quitar os dois e toda minha produção vai para a cooperativa que me ajudou.”

Compreende-se aqui que a cooperativa não é uma instituição inerte ela oferece serviços que favorecem o seu cooperado, como as assistências citadas pelo produtor, dentro outros serviços à cooperativa abrange toda uma assistência ao seu produtor não só no campo do plantio, mas da parte social e política também que são mais para a família do produtor.

Quadro 2: Programas sociais dos cooperados da Copagrill.

<p>Preceitos das Cooperação dos entrevistados</p>	<p>Adesão livre e voluntária;  Gestão democrática;  Participação econômica;  Autonomia e independência;  Educação, formação e informação;  Intercooperação;  Interesse pela comunidade;</p>
<p>Projetos de jovens cooperativistas</p>	<p>Mensalmente os comitês de Jovens Cooperativistas realizam encontros onde são discutidas, planejadas e avaliadas atividades desenvolvidas no decorrer do ano. Estes encontros envolvem filhos e dependentes de associados e também demais jovens da comunidade podem participar dos comitês e das diretorias, pois são disseminados os princípios da cooperação.</p> <p>Capacitação e Formação  São oferecidos gratuitamente diversos cursos e palestras aos jovens associados dos Comitês de Jovens. Estes proporcionam o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens, principalmente para prepará-los para serem futuros líderes em sua comunidade, nos comitês e em especial para formação de futuros líderes da Copagrill. A capacitação também tem objetivo de preparar os jovens para assumir a responsabilidade da sucessão familiar e permanecer no campo.</p> <p>Maratona cultural</p> <p>Entre as diversas atividades sociais, esportivas e de integração desenvolvidas pelos comitês de jovens, um destaque é a maratona cultural. Realizada anualmente em duas etapas, envolve todos os comitês de jovens que fazem apresentações de dança, poesia, música e teatro. Os jovens dos comitês se organizam e ensaiam para o evento que tem participação de toda a comunidade.</p> <p>Olimpíada da ACJC  Ao longo do ano os comitês treinam diversas modalidades para a Olimpíada da ACJC, que é realizada em 4 etapas. São disputadas as seguintes modalidades esportivas: futebol society, vôlei, futsal, jogos de mesas e outras. Ao final, os vencedores recebem premiação.</p> <p>Projetos Agrícolas</p>

	<p>Realizado na safra verão de soja e milho. Os objetivos são demonstrar, aperfeiçoar e divulgar conhecimento técnico na cultura de soja e milho. Estes projetos são realizados em parceria com a área comercial da Copagril e empresas de insumos agrícolas que contribuem com conhecimento técnico, as sementes, adubos e defensivos. A Copagril disponibiliza seus técnicos para orientar os jovens nos projetos desenvolvidos. Os comitês promovem seus próprios dias de campo para compartilhar com a comunidade as práticas agrícolas adotadas. No encerramento dos projetos são apresentados os resultados e os comitês vencedores são premiados.</p> <p>Natal Solidário</p> <p>Todo final de ano, os comitês de jovens se mobilizam para arrecadar fundos e doações e confeccionam inúmeros pacotinhos com doces para serem distribuídos para crianças moradoras de localidades do interior, consistindo-se em uma importante ação solidária.</p>
<p>Projeto de Mulheres cooperativistas</p>	<p><b>Capacitação e Formação</b>  Anualmente são oferecidos diversos cursos, palestras e treinamentos às mulheres sócias dos Comitês de Femininos. A capacitação proporciona o desenvolvimento pessoal e profissional para que as mulheres desempenhem cada vez melhor as atividades na propriedade rural, e também colabora na formação de novas lideranças junto a Copagril e a continuidade de manter a família no Campo.</p> <p>Anualmente todos os comitês recebem palestras relacionadas a saúde e bem-estar, como as palestras do Outubro Rosa, campanha de prevenção do câncer de mama.</p> <p>Concurso de Culinário</p> <p>Desde 1993, a cada dois anos, a Associação de Comitês Femininos da Copagril realiza um concurso culinário, cujo objetivo é aprimorar e compartilhar habilidades culinárias e também o relacionamento entre as sócias. Na primeira fase os comitês realizam o seu concurso culinários interno, onde são escolhidas as três melhores receitas que participam do concurso final realizado pela ACFC. Na segunda fase, a final, uma equipe de jurados avalia e escolhe os três melhores pratos de cada categoria que, além de receber premiação, fazem parte do livro de receitas SABORES E DELÍCIAS, que são comercializados em diversos locais.</p> <p>Olimpíada Interna da ACFC</p> <p>Anualmente a ACFC realiza o Encontro Anual, que tem por finalidade a integração entre as sócias de todos os comitês.</p>

	<p>Dois comitês são responsáveis por organizar o evento. A atividade principal são os jogos de bolãozinho, nos quais a sócia que somar mais pontos é coroada Rainha da ACFC. Também são realizados outros jogos, como canastra e atividades recreativas, além de palestra.</p>
<p>Projeto para crianças cooperativistas e não cooperativistas.</p>	<p>Disseminar a cultura da cooperação, baseada nos princípios e valores do cooperativismo por meio de atividades educacionais. Com este objetivo, e preocupada em contribuir para o desenvolvimento da comunidade onde ela está inserida, a Copagril, em parceria o Sescop e as secretarias de educação da região realiza um trabalho grandioso que é de desenvolver práticas que estimulem e propiciem uma educação apoiada na educação do trabalho em cooperação.</p> <p>Desde 2006 em parcerias inúmeras escolas do ensino fundamental são desenvolvidos trabalhos do Cooperjovem. Atualmente são 28 escolas dos municípios de Marechal Cândido Rondon, Quatro Pontes, Mercedes, Pato Bragado, Entre Rios do Oeste e Guaira que trabalham com o programa. Por meio de material didático, camisetas, cursos, palestras, conteúdo interdisciplinar, projetos, dinâmicas e jogos cooperativos, o programa difunde o cooperativismo para cerca de 6 mil alunos e aproximadamente 420 professores. Também envolve os pais dos alunos, área administrativa da escola e a comunidade, promovendo a cultura da cooperação nas escolas.</p> <p>Portanto, as cooperativas são fundamentais a estabelecerem a aproximação das escolas e a comunidade, acompanhando a aplicação do programa e oferecendo apoio de material e orientação para que as escolas desenvolvam o seu trabalho.</p>
<p>Premiação para cooperados, fornecedores e colaboradores.</p>	<p>Visa entregar premiações a cooperados que se destacarão na produção, como melhor silagem maior produtividade, melhor manejo de solo, maior faturamento.</p> <p>Assim como, colaboradores que se destacaram em seus serviços em pro da cooperativa.</p> <p>Também a fornecedores que buscam facilitar a vida da cooperativa em negociações e melhores prazos.</p>

Fonte: adaptado Site copagril (2018)

Esses programas, são construções de um projeto que buscam empoderar as famílias no campo, são normais em uma assembleia de projetos como associação das mulheres cooperadas, ouvir-se que as mulheres do meio rural são empresarias do

meio rural, assim como, os jovens são lideranças que devem estar ligados a cooperativa para que ela tome a melhor decisão.

As cooperativas propõem também os jogos de integração entre linhas, para que um cooperado conheça o outro, assim podendo nascer novos relacionamentos no meio rural.

Ao produtor rural a cooperativa propõe a ele novas técnicas de manejos de solo, produção e colheita, oferece cursos de gestão da propriedade e busca dar assistência a esses cooperados a fim de sanar os dramas nas suas propriedades.

Esses pontos e a fala do gestor da propriedade evidenciam que a cooperativa busca cumprir o papel do que seria uma cooperativa de modelo ideal, claro que com particularidades que ela busca respeitar como mercado, usando padrões não tão sustentáveis, mas mesmo assim ela não é uma instituição que deixa os cooperados sem o básico dos serviços que ela deve prestar o que se remete a pressupor que a cooperativa alcança de certa forma um dos quesitos do desenvolvimento rural sustentável.

Ressalta-se aqui que não existe muitas cooperativas de modelo ideal, e que pode gerar um paradigma pela cooperativa não respeitar preceitos sustentáveis porém ela está se enquadrando em um dos aspectos que tange o desenvolvimento rural sustentável ela pode estar mais próxima de um modelo de negócio que propicia o desenvolvimento sustentável.

O exemplo do entrevistado 12 relata o modelo de comercialização com a cooperativa e sua indignação pelo modelo não favorecer o mesmo:

“As vendas, meio que casamos com a cooperativa, no momento em que vamos comprar os insumos para plantio a cooperativa coloca um prazo melhor de pagamento caso entregamos novamente a produção lá [...] O que me chateia é que a cooperativa dá o mesmo prazo para qualquer um, sendo associado ou não, podia ser 45 dias pra gente e 15 dias pra quem não é cooperado, mas eles fazem 15 dias para os dois, nós só queremos um prazo melhor, a cooperativa deveria entender isso.”

Existe nessa fala uma cobrança e um desabafo, pois o produtor necessita que a cooperativa trabalhe do modo que fique melhor ao seu modelo de trabalho, pois é umas primícias da cooperativa atender as ideias dos agricultores, porém é necessário entender por que a mesma reclamação não é atendida, o produtor 2, 8 e 9 levantam como suas reclamações não chegam a frente muitas vezes na cooperativa.

“[...]Olha, eu cansei, já fui falar para o rapaz da loja agropecuária que a gente precisa de prazo, ele fala para gente reclamar na assembleia, mas chega na assembleia e é sempre o mesmo papo de que a cooperativa não pode atender esse problema agora, por que necessita aumentar faturamento. (ENTREVISTADO 2, Ano 2018)[...] A AGO é para a cooperativa se gabar, porque lá já vem tudo decidido pela diretoria, nem vale a pena reclamar (ENTREVISTADO 8, Ano 2018)[...] Eu acho que o erro é ir sozinho reclamar, o dia que juntar todos cooperados eles vão ter que ouvir (ENTREVISTADO 9, Ano 2018)[...]”

Em análise, é notório perceber que esses agricultores possuem reclamações e gostariam que a cooperativa funciona-se, de acordo com suas necessidades, porém, a particularidade dessas respostas levantam questionamento quanto a organização política desses cooperados, pois os mesmos têm reclamações semelhantes e não buscam através da união, soluções para tentar melhorar essas condições.

Ainda se apresenta como as cooperativas já não estão de certa forma ouvindo os anseios de seus cooperados, pois sempre buscam alternativas para dizer que não é possível tal mudança, e pôr fim a cooperativa tira o senso de autonomia do cooperado, pois eles estão sujeitos as regras e sistematizações impostas pela cooperativa

Já na análise de agricultores não cooperados pode-se dizer que possuem autonomia maior em suas escolhas por não estarem vinculados em cooperativas.

O produtor 32 e 40, são agricultores de frango não cooperados, tem um relato de iniciação do empreendimento de forma diferente, o entrevistado 32, comentou sobre como iniciou sua produção.

“Fui no Banco do Brasil realizar um financiamento pois na safra anterior havia dado uma estiagem longa na região e eu acabei perdendo uma parte da produção[...] Foi lá então que o gerente me apresentou que a região estava com o crescimento no abate de frango e que compensava eu investir nesse tipo de produção, então eu resolvi arriscar, e deu certo, pois eu entrego minha produção na Copagrill que é aqui na cidade, e ganho mais do que quando eu apenas fazia plantio da soja, milho e hortaliças. (ENTREVISTADO 40).”

Com essa resposta, compreende-se que a cooperativa altera a relação de mercado de uma região como um todo, ela se torna a principal compradora da produção dos agricultores da região, sendo eles cooperados e não cooperado

inclusive vende a eles insumos e realiza assistências com os mesmos agricultores não cooperados.

Aqui a reclamação de agricultores cooperados fica mais evidente, pois se um produtor não cooperado tem essa possibilidade de negociar do mesmo modo com a cooperativa e com o mesmo valor e prazo, qual a vantagem de ser cooperado?

Porém nesse mercado específico de avicultura do Oeste do Paraná, mas especificamente no caso retratado dessa cooperativa ela necessita de produção, pois existe demanda de compra, sendo assim ela aceita produção de agricultores não cooperados.

Na entrevista do produtor fica claro também que ele deve se adequar as necessidades da cooperativa no seu modelo de produção, criando sistema padrão de produção igual ao dos cooperados.

“Também não é tão fácil assim chegar e vender... tive que fazer os aviários e o sistema de produção de acordo com o que o engenheiro da coopagril solicitou... após vistoria ele liberou [...] Sim faz parte de um acordo comprar ração e pintainhos deles” (PRODUTOR 32)

Produtor 40, não cooperado sinalizou que a venda a cooperativa se dá por comodidade da entrega e necessidade da empresa também, porém é revelado que existe um custo na questão de transportes.

“A entrega é descontada depois no pagamento, até porque eu não tenho caminhão de recolha e eles têm caminhão e graxaim... tudo bem faz parte... até porque, como é o único frigorífico perto é melhor, o custo é menor também do que entregar mais longe, como eles são especialistas fica tudo na mão, nunca deu erro.”(PRODUTOR 40).

Aqui, porém é apresentada uma informação que provavelmente os cooperados não sabem que os custos do recolhimento de quem não é cooperado é cobrado, à parte.

Entretanto, os agricultores cooperados de aves em nenhum momento citam em suas entrevistas, insatisfação com custo de recolhimento de sua produção, pois a cooperativa possui frota para o recolhimento e equipe especializada, sendo assim pode ser uma vantagem que a cooperativa dá a seus cooperados, não cobrar o recolhimento de produção.

Para os quarenta agricultores, essa pratica de ter quem escoe sua produção é importantíssima, pois tendo quem compre seus produtos na região e que consiga vender ao mercado a nível nacional e estrangeiro tendo sua marca forte para romper as barreiras, acaba dando um status para o produtor que de certa forma o deixa orgulhoso e tem um pagamento justo pela sua produção, seria diferente caso não tivesse essa cooperativa na região e os agricultores tivessem que entregar sua produção para um abatedouro mais longe e que não paga o justo, pois não teria concorrência de outro abatedouro na região.

A necessidade que o cooperado tem é a mesma que o não cooperado, porém, o cooperado necessita ser beneficiado pela cooperativa, inclusive eles têm certa responsabilidade de que suas relações de negócios devem ser com quem eles são cooperados, já o não cooperado pode se relacionar com quem paga melhor ou tem o melhor prazo de pagamento e lhe da às vantagens, mais uma vez demonstrando a diferença de autonomia entre os agricultores.

Esse debate se encontra na variável econômica para alcançar o desenvolvimento rural sustentável, onde essas variáveis como: cooperativismo, diversificação alimentar, envelhecimento e masculinização do campo, educação, devem ser entendidos a fim de alcançar esse objetivo de um meio rural mais harmônico.

### 3.3.2 Construção da renda dos agricultores.

Quando se trata sobre os ganhos, todos os agricultores relatam que sobrevivem de suas produções, os cooperados entregam praticamente toda sua produção à venda, já os não cooperados possuem um padrão de plantar algum de seus alimentos, ou até mesmo o leite ser consumido em sua propriedade, não que os cooperados não consomem, porém a pratica deles é o máximo de produção para venda.

Entra nessa perspectiva o autoconsumo de cada propriedade a realização de compostagem, o preparo da silagem de milho são manejos utilizados pelos agricultores tanto cooperados e para não cooperados, a utilização desses manejos podem ser, interpretadas de acordo com aprendizado e necessidade de cada produtor.

Alguns possuem sua própria horta, plantam sua mandioca, milho para consumir, alguns animais, mas o que não é produzido eles suprem comprando no

mercado o produtor 17, fala que “a gente não vende nada né, planta uma mandioquinha, um amendoim, planta até milho pipoca, entre outras coisas”.

Agricultores cooperados tem uma unanimidade em suas práticas é perceptível tanto nas entrevistas quanto na observação de seus sistemas produtivos a padronização obtida de suas cooperativas, ao que se refere ao consumo próprio, silagem e feno, para produção animal aos que tem é algo que ocorre, porém não é perceptível as práticas mais sustentáveis como, compostagem orgânica.

Cooperados tem a tendência de baixo consumo próprio, por exemplo, no que se refere ao preparo da terra, existe uma recuperação de nutrientes do solo através de adubos químicos, é natural em suas falas.

[...]Então, eu uso uréia, npk, tudo que a assistência passa, tem que usar né!(ENTREVISTADO 6)[...]Sim, pra corrigir o solo e ter uma boa resposta tem que ser usado, calcário[...] (ENTREVISTADO 13)

Existe uma consciência de que é apontado pela assistência técnica da cooperativa são corretas, essas falas se remetem a um drama do que é utilizado para o plantio e se distancia do que seria correto para alcançar o DRS, caso esse que será discutido em capítulo específico das questões sustentáveis no campo.

Ao que tange a renda o que mais chama atenção é que as problemáticas são idênticas entre cooperados e não cooperados, na discussão sobre estabilidade de renda, ou seja, como eles vivem sendo que recebem sempre de produção em produção, levando-se em consideração que a maioria dos entrevistados planta soja e milho e a maior parte de sua renda provem desses *commodities*, ao analisar as respostas dos entrevistados 4, 7, 8 e 12 agricultores cooperados e 22, 31 e 34 agricultores não cooperados comentam sobre a dificuldade no prazo para pagamento, dificultando um planejamento melhor com sua renda.

[...] O problema é que não tem como se planejar hoje com os prazos que ganhamos da cooperativa (PRODUTOR 7, Ano 2018)[...] Nós já falamos em assembleia o problema do prazo, a gente precisa disso, não temos condições de pagar seguro as vezes e corremos risco com a produção com cada vez mais estiagem (PRODUTOR 12, Ano 2018).[...] Se tivéssemos um prazo mais longo pra pagar, poderíamos sim trabalhar melhor com nosso planejamento, assim vivemos presos a financiamentos a bancos (Produtor 31, Ano 2018).

Esse momento da entrevista pode-se perceber que os entrevistados tiveram a mesma reação de nervosismo ao comentar sobre o tema, onde se notou que isso é uma problemática decorrente e que afeta seu planejamento financeiro, em contrapartida muitos dos agricultores cooperados ou não, relatam que sua estabilidade de renda durante ao ano melhorou, a partir do momento que buscaram a oferecer produtos secundários da propriedade, como hortaliças, produtos coloniais, frango, produções que não necessariamente proviam de grãos, possuem renda extra que os mantem fora da sazonalidade.

É comum na fala de agricultores não cooperados que possuem mais diversificação como as feiras e vendas porta a porta os ajudam a manter rendas o ano inteiro, ajudando a também se programarem melhor com base nos objetivos que eles pretendem alcançar em suas vidas. Para o entrevistado 36, a entrada de renda através do mecanismo de feira ajuda a manter a filha na universidade Entrevistado 36, (Ano 2018), “Claro, ajuda muito, hoje eu ajudo a minha filha na faculdade de odontologia todo mês, posso saber quanto mandar no mês para ela. Ai o dinheiro que entra nas safras da para fazer a outras coisas” essa fala ajuda a entender que o produtor diversificado que possui acesso a outros mercados tem um planejamento de renda melhor durante o ano.

É importante ressaltar que não existe muita contratação de mão de obra de fora, mas existe troca de serviços, como por exemplo, um vizinho chama o outro para fazer silagem, isso é semelhante nas respostas dos agricultores não cooperados.

É claro na fala também que isso ajuda ele alcançar os objetivos no quesito renda, já que não é a primeira vez que o mesmo lembra-se da filha estar estudando.

Esse pensamento é atrelado ao desenvolvimento rural sustentável, uma vez que uma das variáveis é a educação, acesso à renda e diversificação de produtividade. Nota-se aqui, que tudo isso é praticado pelo produtor que tem mais autonomia e consegue se desvencilhar de um mercado padronizado como o dos cooperados, não que eles não atingem seu objetivo, mas quando atrelado ao objetivar DRS, percebe-se que estão um pouco mais atrás dos não cooperados.

Ou seja, para agricultores familiares e para o DRS, quanto maior for pluriatividade e diversificação produtiva em seu estabelecimento rural oferecer é melhor para sua renda, pois os dados analisados e interpretados demonstram que suas safras de grãos apenas, não são suficientes para garantir sua renda estável, uma vez que depende de variáveis como o clima para garantir uma safra boa.

Entretanto apresentam-se outras problemáticas para cooperados e não cooperados que focam mais na produção de commodities uma vez que, dado a tecnologia de alta produção e baixo uso de mão de obra e de insumos internos - outro item importante no DRS – e a baixa produção de autoconsumo, eles compram quase tudo e no final a sobra não muito para se contentarem com seus lucros. Assim como se percebe na fala do não cooperado Entrevistado 31, “Você sabe que aqui não tenho o maquinário, então dependo do vizinho, e isso é um gasto, ai caminhão é outro, assim vai somando e calcula, não sobra muita coisa”.

Sendo que esses não são seus únicos gastos, como depende de insumos e suas práticas agrícolas são de utilização de adubos químicos, sementes de alta qualidade, acabem agregando em um encarecimento de produção, que caso utilizasse de autoconsumo, compostagem orgânica, obteria melhores rendas, não gastando tanto na produção.

Observa-se que aqui não houve muita diferenciação quando comparado com os cereais de agricultores cooperados e não cooperados. Como a maioria trabalham com produção de commodities tem as mesmas dificuldades ao que tange a tecnologia.

A partir do momento que são indagados sobre seus bens, cria-se ali um receio em dar respostas, pois de certa forma criou-se uma sensação até o momento de uma vida sofrida no campo não se olhando para suas conquistas, o gráfico “3 da infraestrutura” a seguir demonstra certa contradição a vida de sofrimento dos agricultores, pois não exista garantias de que o trabalho no ar condicionado de uma empresa pode lhes garantir todas essas conquistas que eles construíram no campo.

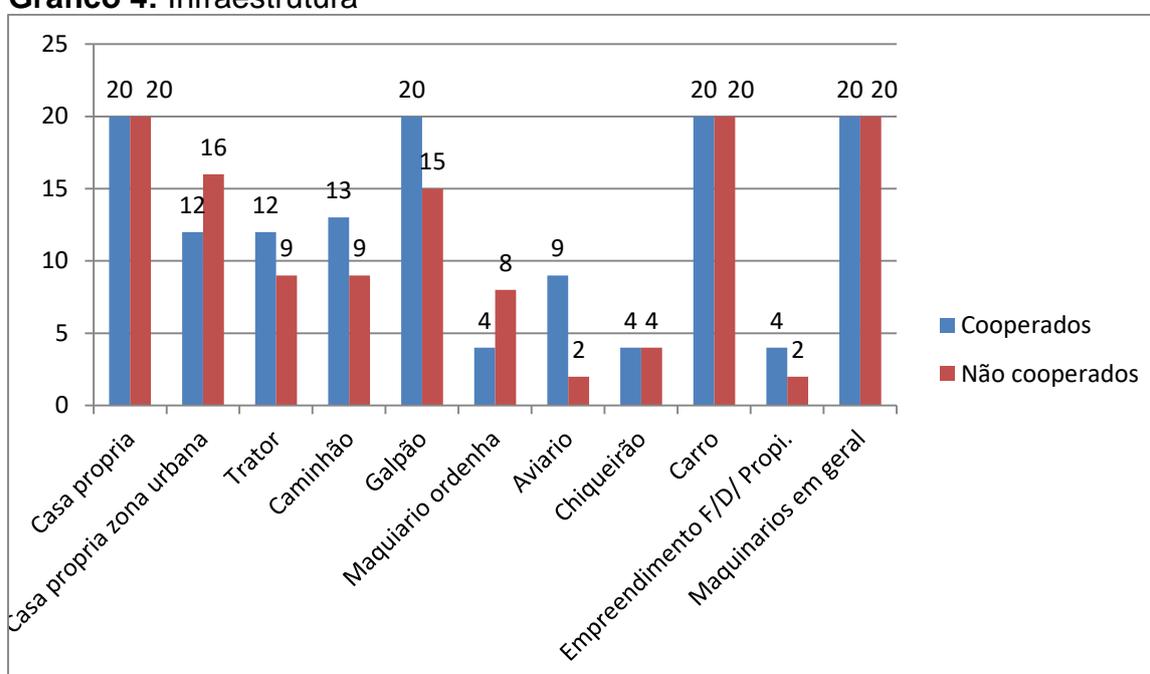
### 3.3.3 Infraestrutura: Análise de bens cooperado x não cooperados

Uma análise a infraestrutura é necessário analisar empiricamente e confrontar aos resultados obtidos nas entrevistas, pois os dramas e dificuldades vividos por cada produtor pode ser às vezes dimensionado de forma diferente ao que condiz com a realidade vivida pelos mesmos. O gráfico a seguir possui o objetivo de apresentar a infraestrutura de cada produtor para traçar a veracidade com os ganhos obtidos na renda de cada produtor.

Nota-se que a maioria dos entrevistados que os mesmos não dependem em maior parte de outras rendas agrícolas, porém entre os mesmos demonstraram no Gráfico 4 que muitos possuem propriedade na zona urbana, as quais geram renda de aluguel. E alguns são aposentados. Então existem outras rendas não agrícolas que são utilizadas para sobrevivência da família

São oriundas externas ao estabelecimento agrícola familiar, não estão ligadas ao ganho diretamente da lavoura no dia a dia, porém, sabe-se que no caso das casas foi um investimento por parte dos agricultores com o excedente de lucro das lavouras. Então no momento de “vacas gordas” os mesmos investem para adquirir mais bens e assegurar rendas futuras.

**Gráfico 4:** Infraestrutura



**Fonte:** Autor 2018

Na análise do gráfico quanto às infraestruturas alcançadas por cada produtor percebe-se certa aproximação, dos alcances que suas rendas e modos de vida os fizeram alcançar certos investimentos, no decorrer da investigação esses caminhos que os levaram a estas conquistas ficam claro.

Ao que concerne à questão da residência um bem tão almejado pela classe trabalhadora brasileira, pode-se entender que ambos os grupos de estudos conseguiram alcançar através de seus esforços, seja ela cooperado ou não cooperada.

Observa-se que infraestrutura liga diretamente com a renda do capítulo anterior, pois se percebe que as moradias na cidade são rendas extras dos proprietários, podendo juntar, ganhos de produção, aluguel e em alguns casos rendas provenientes de aposentadoria, sendo chave essencial para se objetivar o DRS, esses imóveis e maquinários, auxiliam nesse objetivo.

Outro resultado a se observar e referente aos não cooperados possuem mais imóveis na cidade, subentende-se que devido aos seus desprendimentos com os sistemas cooperativos os investimentos em suas propriedades são menores em correlação aos agricultores cooperados.

Ao passo que os cooperados possuem número menor de casa em suas propriedades, nota-se que seu grau de investimentos na produção é maior percebe-se que os cooperados possuem maiores números de maquinários, trator e caminhão, com melhor tecnologia se comparado com agricultores não cooperados.

Isso se dá muita à educação cooperativa e os melhores acessos da informação sobre financiamentos e arranjos que cooperativa auxilia seus agricultores.

Ainda no que tange as moradias, na análise mais detalhista o que se chama atenção é sobre a qualidade de moradias, na comparação entre os grupos quanto à qualidade da moradia, se possui certas mordomias internas como ar condicionado área de festas e qualidade nas estruturas pode-se perceber que os cooperados são mais exigentes quanto à casa da propriedade.

Quando indagado aos agricultores sobre sua satisfação ao meio rural e a atividade agropecuária, produtor 17 responde “A gente está satisfeito, claro tem coisa boa e ruim, ficamos triste quando uma vaca morre ou tem uma frustração em safra [...] o governo devia olhar melhor para o produtor rural, pois somos nós que alimentamos o Brasil”.

Não somente nessa fala, mas em outras, de modo geral o agricultor está satisfeito com sua vida no campo, porém pede melhorias para que possam gerar mais riqueza no campo e ter mais condições econômicas, necessitam crescer.

Fato esse relevante se for levar em consideração o Desenvolvimento rural sustentável que propõe que uma das variáveis a se alcançar e morar com qualidade no meio rural. Devido ao maior investimento que os agricultores cooperados fazem em sua propriedade por morarem lá em sua maioria, os mesmos buscam essa qualidade. Pressupondo que isso é investido pela sua educação cooperativa de investir na propriedade e de viver lá, para obter ter mais ganhos.

Nessa análise econômica pode-se demonstrar que o cooperativismo apresentado a esses agricultores não é um cooperativismo de modelo ideal como aqueles apresentados no referencial bibliográfico, porém é demonstrado que as cooperativas têm sua importância no que envolve auxiliarem os cooperados alcançarem seus objetivos.

Pois de certo modo eles estão envolvidos em todos os aspectos dos agricultores, facilitando seus modelos de produção, mesmo que ainda não atinja o nível de satisfação do cooperado quanto a tudo que ele espera da cooperativa, porém é fator primordial para, por exemplo, adentrem no mercado concorrendo de modo.

### **3.4 Sustentabilidade: observando a prática ambiental.**

No quesito sustentabilidade é importante ressaltar que todas as pessoas possuem seu próprio senso ou noção de sustentabilidade que foi resultado de suas práticas e valores de vida, sua educação ambiental, até mesmo a tradição familiar, tudo isso culmina em ter visões diferentes do que é sustentabilidade para agricultor “da relação com a natureza”.

Porém não é papel desse capítulo apresentar todas as variáveis que compõem a sustentabilidade, mas sim focar na variável ambiental, que auxilia no modelo de relação com a natureza, pois preservando o meio ambiente poderá perceber se estão no caminho correto.

Sendo assim, apresentam-se as práticas ambientais dos grupos estudados, a fim de evidenciar as relações com a natureza ou se os processos produtivos degradam o sistema ambiental das propriedades, para isso foram analisadas práticas ambientais criadas na propriedade e práticas ambientais externas, recebidas via assistências técnicas e assistências extensionistas.

Primeiramente era necessário compreender cada agricultor entrevistado o que é na sua opinião uma prática ambientalmente correta. A partir disso, montou-se uma árvore com as palavras mais citadas.

Figura 3: Arvore de palavras dos saberes ambiental.



Fonte: Autor 2018

Percebe-se que a noção dos entrevistados sobre ambientalmente correto, está corroborando um pensamento de senso comum, pois essas palavras são atreladas a propagandas, campanhas de marketing e disciplinas das escolas nas aulas de educação ambiental. Porém chama-se atenção para uma palavra em especial citada por eles e que não é tão usual pela sociedade em comum que é a questão de agroecologia. Isso permite constatar que eles possuem conhecimento de um sistema produtivo que busca o equilíbrio do meio ambiente com a produção alimentícia.

Duas entrevistas de agricultores não cooperados apresentam que produzem alguns alimentos com cuidados agroecológicos, porém vale ressaltar que os mesmos não têm nenhuma certificação que confirme suas falas dessa produção. O Entrevistado 31, Diz “Tenho minhas hortaliças produzidas organicamente, uso adubo verde para preparo e até a semente são orgânicas, como de alface royal”, porém ao indagar o mesmo sobre controle de pragas, conclui-se que utiliza fungicidas, o que descaracteriza uma produção orgânica, em observação dos agricultores percebe-se que também não existe uma barreira verde frente a essas produções supostamente orgânicas, assim por sua vez se distanciando do Desenvolvimento rural sustentável.

Isso corrobora para entender que a visão do produtor quanto à questão ainda ambígua, porém existe um discurso de ser ambientalmente correto. Dentro do subcapítulo das práticas ambientais existe evidências que deixam esse pensamento mais explícito

### 3.4.1 Práticas ambientais

Em entrevista aos agricultores e a da observação junto à propriedade facilmente percebe-se que existe sim uma preocupação com a sustentabilidade e preocupação com a saúde da família.

“Isso a gente acha que nunca vai acontecer na nossa família, mas minha mulher tem câncer, foi aí que eu decidi mudar[...] Testei diminuir a quantidade de defensivo, o agrônomo vem e me vendia uma quantidade muito alta, porém a cada produção eu cortava pela metade e fui assim percebendo que não precisava de tudo o que eles me vendiam” (PRODUTOR 18)

Percebe-se aqui uma variável do ambientalmente correto ou até mesmo da sustentabilidade, que é a saúde familiar.

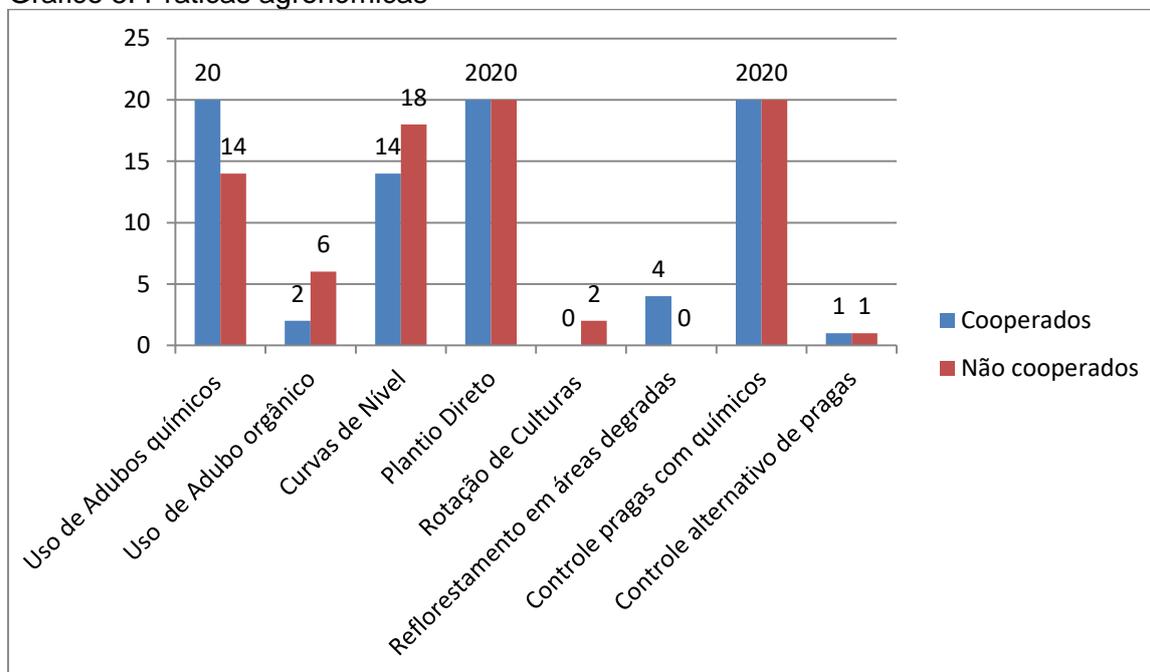
Primeiramente é necessário ressaltar que o produtor não tem certeza, mas possui, clara percepção de que o câncer tem ligação com o uso de agrotóxico que se fazia presente no uso em sua lavoura, porém em seu conhecimento sabia que isso em excesso faz mal à saúde e pela nova necessidade decidiu diminuir o uso do mesmo. Mesmo que não excluindo totalmente essa tecnologia o mesmo passou a utilizar em menor conteúdo essas substâncias, começou também a utilizar os IPIs.

O mesmo produtor apresentado aqui percebeu que o uso de defensivos agrícolas é vendido em excesso não para ajudá-los, mas sim, para gerar lucro a empresas que representam esses números e assim bater suas metas, ou seja, o agricultor consegue a diminuição do uso de insumos quando precisa poupar na produção e mesmo assim consegue manter seu nível de produtividade que sempre obteve nas condições normais de produção.

Ainda referente ao mesmo entrevistado, percebe-se que a cooperativa coopera com o sistema de venda das multinacionais onde acabam vendendo pacotes de insumos e defensivos em quantidades exageradas. Não se julga se é certo e errado,

pois em contrapartida as mesmas conseguem ainda contrapor certa lógica desse mercado.

Grafico 5: Praticas agrônômicas



Fonte: Autor 2018

Ao que tange as práticas agrônômicas as diferenças não são tão exacerbadas em comparação aos grupos, pois as práticas utilizadas são parecidas, não existindo discrepância quanto ao uso de agrotóxicos, todos utilizam adubos químicos e controle de pragas e com químicas também.

Porém existem algumas peculiaridades a serem ressaltadas, onde os dois agricultores de aves cooperados o entrevistado 6 e 15 praticam a rotação de cultura, inclusive dentro de todos na amostragem. Quando indagado porque esses agricultores realizam esse manejo, o Entrevistado 6, argumenta:

“Tenho uma parte na propriedade que plantava milho apenas, e percebia que o solo estava exausto, então a assistência disse que não iria muito longe se continua daquele jeito, assim eles me falaram para iniciar rotação de cultura para recuperar aquele pedaço eu fiz e deu certo”

Nota-se o conhecimento da assistência técnica dando os caminhos para recuperação de solo através de prática agrônômica, pois as assistências do mesmo provem da cooperativa.

Ao entrevistado 15, o mesmo que é vizinho do entrevistado 6 pediu dicas ao vizinho para recuperar um pedaço seus que também estava em degradação, obtendo os mesmos resultados.

Ao observar as duas propriedades, evidenciou-se que a região possui esse problema de degradação, porém agora eles sabem que existe essa metodologia para recuperação e que é uma pratica sustentável, porém não usual entre os agricultores, prova que, depois de recuperado voltou ao plantio normal.

Sobre as práticas utilizadas nos modelos produtivos, ao que se refere o plantio de commodities, percebe-se que todos os agricultores cooperados e não cooperados possuem discernimento quanto à necessidade de manuseio correto do solo, por exemplo, a maioria dos agricultores utiliza a pratica do plantio direto levantado por muitos especialistas por muitos de ser uma pratica sustentável. Porém, existe distinção entre os dois modelos utilizados por esses agricultores, um é uma cópia do sistema americano, onde a soja é colhida e a palha é deixada e logo em seguida o produtor planta o milho. Outra é colher a soja, aplicar o adubo verde ou orgânico, revirar a terra e assim plantar o milho.

Os dois modelos ajudam a preservar a terra, porém o segundo busca respeitar melhor o solo, evitando a degradação com o longo do tempo, nos resultados justamente os seis agricultores não cooperados utilizam-se da segunda opção de plantio.

Isso demonstra que entre os não cooperados já há agricultores familiares que estão mais próximos do caminho do desenvolvimento rural sustentável, no quesito preparo do plantio, a causa deles realizarem esse preparo do solo de forma mais sustentável é atrelado aos seus pensamentos de autonomia, poder escolher o modo como produz, e não apenas receber o pacote conveniente das empresas agroindustriais.

Separem-se aqui duas citações de entrevistados que contribuem para observar o porquê dessas escolhas.

[...]A gente não possui maquinário, quem dá assistência pra gente, cobra pelo serviço também [...] então não tem tempo para realizar certos esbanjo, o agrônomo fala que é correto assim também". (ENTREVISTADO 19) [...] "Olha, por um acaso eu ouvi em uma palestra na tenda da EMBRAPA no show rural, o rapaz, explicou sobre diferença do clima e necessidade de começar a trabalhar assim para

evitar as voçorocas com o passar do tempo[...] hoje a preparação do solo funciona bem. ” (ENTREVISTADO 12)

Ao indagar sobre a aquisição de sementes os cooperados e não cooperados refletem a realidade sobre a assistência e suas vendas de pacote sementes, é informado que simplesmente hoje é vendida de acordo com a questão financeira de cada produtor.

### 3.4.2 Assistência técnica e extensão rural (ATER): Na construção do ambientalmente correto

Percebe-se uma diferença crucial no acesso ATER , entre os grupos de cooperados e agricultores não cooperados, os não cooperados tem uma dificuldade de acesso a informações quando se trata a onde procurar, já os cooperados tem um plano de aproximação com o cooperativa, que facilita pelo menos criar um canal de educação ambiental com seus cooperados.

Entretanto é valido ressaltar que a cooperativa tem um serviço de ATER separado do serviço de assistência técnica, ou seja, a assistência técnica tem seu foco na venda, quanto as ações extensionistas da ATER buscam propor soluções menos usuais, porém com essa visão mais de resolver os problemas ali encontrado.

Ao levantar os dados, evidenciou-se que os cooperados recebem a assistência técnica integral da cooperativa, onde estão atrelados seus sistemas produtivos, desde compra de insumos a entrega de produção. Ficou claro que as cooperativas trabalham de forma a concorrer com a as agroindústrias de capital fechado, pois a assistência funciona no mesmo modelo de venda de pacotes e fungicidas, percebe-se claramente nas falas dos agricultores cooperados.

“[...]O agrônomo é assim mesmo, chega aqui e vende[...]as vezes tem que brigar com ele para ele vir ver o andamento e crescimento da lavoura[...] (ENTREVISTADO 12)[...]Eu entendo, não tem muito agrônomo ali, ai fica difícil visitar todos cooperados sempre[...] (Entrevistado 7)”

Novamente nasce uma demanda por parte dos cooperados, ter visitas mais constantes de suas assistências, porém a um entendimento de que é compreensível esse drama, pois as cooperativas possuem muitos cooperados e pouca mão de obra

especializada que possa atender a todos os produtores, no momento que eles solicitam.

Nota-se que a fala do produtor é enfática em sugerir uma ATER para além de ser comercial somente, porém é evidente que o proprietário da terra, não faz alerta, assim como, no relato contado no capítulo anterior onde o produtor, percebeu que pode diminuir o uso de agrotóxicos, pelo seu empirismo.

Para outros entrevistados, percebe-se que o interesse ao meio ambiente é relativo à lei, o Entrevistado 7, argumenta "Respeitamos a Lei, temos reserva e é tudo legal" Entrevistado 10, "Aqui não tem problemas ambientais, está tudo dentro da lei" Entrevistado 15, "Existem normas que sempre quando mudam, dentro da própria cooperativa é nos avisado para se adequar", Ou seja, a noção de sustentabilidade é realizada se estiver dentro das normas de regulamentação, mesmo sabendo de que alguns manejos causam problemas a perspectiva de estar correto está atrelado se a lei ambiental permite ou não.

Ao que tange os não cooperados é observado que os mesmos sofrem com a mesma problemática de a assistência das agroindústrias privadas limitadas que, favorecerem suas vendas em detrimento do meio ambiente.

"[...]Exato, a assistência está aqui para vender sei disso... Se queremos algum manejo diferente é importante estar sempre atento no canal rural, ir a EMBRAPA, acompanhar as notícias, Por exemplo, sobre o fim da vacinação nos suínos, eu sabia antes da assistência[...] (Entrevistado 37)"

As práticas ambientais desse capítulo demonstram que o produtor rural tanto cooperado e não cooperados sabem da necessidade de se ter um meio ambiente saudável, porém os mesmos ainda não alcançaram os preceitos que regem a sustentabilidade. As vezes por apenas "desinformação" ou pela lógica do mercado que os força a trabalhar de maneira não sustentável.

Sobre a educação ambiental que cada produtor recebeu, existe uma diferença entre não cooperados e cooperados, todos os agricultores cooperados já receberam convites a assistirem palestras na sede da empresa, como, tríplice lavagem de embalagens de agrotóxico, uso correto do IPI, palestra sobre conservação ambiental, palestra sobre leis de preservação ambiental e os não cooperados, recebem assistências via outras organizações se eles mesmos irem buscar, esse agricultores

estão mais a mercê das empresas privadas concorrentes das cooperativas.“[...] Olha a gente tem que ligar atrás e insistir pro agrônomo vir aqui se não ele não vem, só quer vir vender e depois demora pra vir verificar. (PRODUTOR 32) [...] Assim, hoje a gente compra insumo de outra empresa, não temos assistência ao certo, a empresa só convida a gente pra fazer uma visita técnica conhecer os silos deles ou algum insumo novo e nada mais”(PRODUTOR 34).

Fica claro a insatisfação pelos agricultores não cooperados, que gostariam da assistência mais próxima, este problema deve-se as agroindústrias que acham muito oneroso manter técnicos, assim os poucos técnicos que possuem têm grande demanda, deixando muitas os agricultores na mão.

Ressalta-se que esse tipo de reclamação ocorre para os dois grupos, ou seja, é uma problemática no campo a dificuldade de acesso a uma assistência. Técnica para além da renda de insumos, máquina e equipamento.

### **3.5 Interações sociais: lazer, meio imprescindível para praticas sócias do produtor.**

Ao decorrer dessa parte do capítulo a intenção é levantar as relevâncias e modificações que cada produtor rural busca através de interações sociais, seja ela da mesma ou diferente instituições que o mesmo participa.

Os autores signatários desta perspectiva acreditam que os processos de inovação tecnológica e a eficiência produtiva podem se privilegiar de contextos em que as relações pessoais e o interconhecimento facilitam as interações sociais de tal forma a ser benéfica a eficiência econômica por meio da redução de riscos e incertezas. (SCHENEIDER, P. 55, 2009)

Ou seja, a participação de uma agricultura sustentável passa impreterivelmente pelas relações sociais dos indivíduos essas construções tanto tecnológicas, como do ser do indivíduo específico é necessário se a agricultura deseja ser sustentável em todos os seus indicadores.

A Participação desses agricultores em rodas sociais é imprescindível para um sistema de desenvolvimento rural sustentável, é pressuposto que a sociedade só se desenvolve em sociedades organizadas, a partir de interações.

[...] “Também não estão isolados do processo social, portanto de socialização, que lhes remete a valores, costumes com os quais aprenderão a conviver. Pois é na convivência cotidiana que [...]

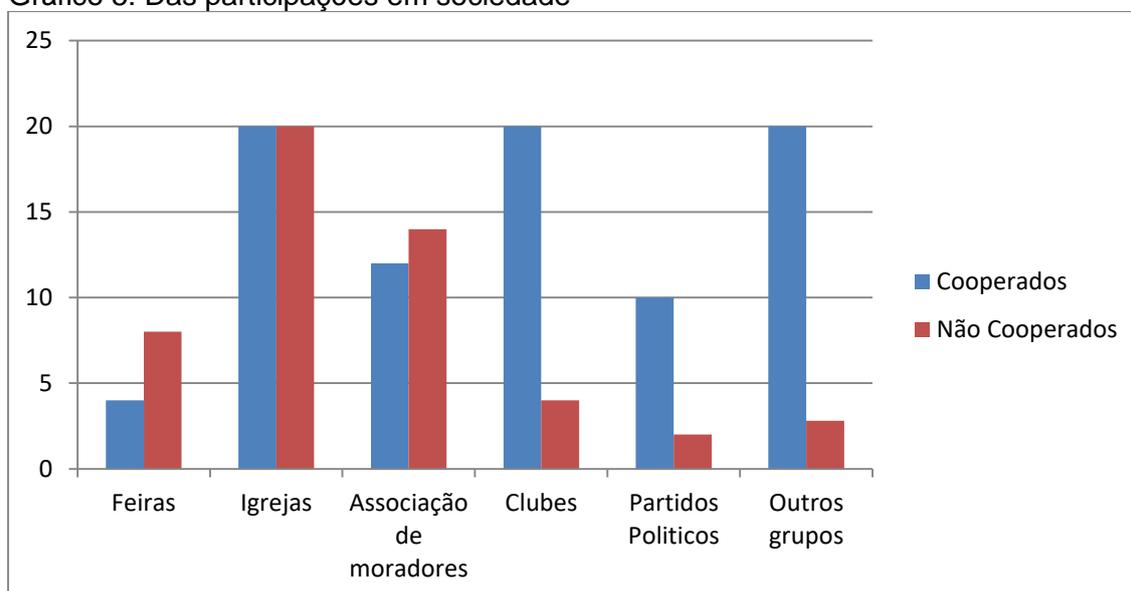
vão reelaborando valores, normas que lhes são passadas pelo grupo familiar-social.” (SILVA, 2002, p. 111)

Nessa ótica percebe-se que a interação social e socialização permite ao produtor rural ampliar e rever seus conceitos, criar informações novas a partir do contato com outras pessoas e assim fortalecer seus laços tanto das amizades quanto familiares, fator esse imprescindível quando se trata de Desenvolvimento rural.

Esse estilo de vida auxilia no desenvolvimento humano, auxiliando o empreendedorismo, relacionamentos, inovações, liderança e lazer, como variáveis a fim de compreender como ocorre esse processo no meio rural, se eles estão ou não, no caminho do desenvolvimento rural sustentável é um papel dessa pesquisa.

Para Schneider (p. 31, 2009) “grupos locais com identidade social e territorial conseguem mobilizar forças e estratégias em face às tendências de massificação e pulverização cultural provocada pela globalização.” Criando assim uma perspectiva onde é necessário a socialização e iteração dos indivíduos afim de vencer os dramas gerados da sociedade.

Gráfico 5: Das participações em sociedade



Fonte: Dados do Autor.

Dos resultados que o gráfico apresenta é necessário fazer um debate com as seguintes indagações: as participações nesses grupos sociais ajudaram a melhorar suas percepções e racionalidades sobre alcançar seus objetivos de vida a partir de suas inserções e parcerias em sociedade? Qual a importância de estar se relacionando com as demais pessoas? Ou é nesse tipo de relação que eles encontram a essência da cooperação e cooperativismo?

Figura 4 : Assembleia de cooperados



Fonte: site Copagril 2018

A foto é a representação de uma assembleia, um espaço de interação de cooperados para “tomadas de decisões” da cooperativa, geralmente esses eventos são compostos por pré-assembleias também, geralmente existe um espaço onde os cooperados criam interações tomam um café e para alguns agricultores é um lazer poder ir a uma assembleia, receber presente da cooperativa, é comum que ocorram em assembleias algumas premiações.

“[...] É bom, ser reconhecido... já ganhei o premio de melhor silagem, reconhecimento do trabalho é sempre bom [...] (ENTREVISTADO 18)[...] Lá tem sorteio, tomamos um café, revemos uns amigos que por causa da vida sempre trabalhando não podemos ir visitar[...] (ENTREVISTADO 12)”

Para os agricultores que são cooperados a união a esses grupos fica clara quanto sanar sua necessidade, de lazer, políticos, social e econômico, talvez a educação cooperativa os levasse para essa direção, suas falas são claras quanto a isso.

“[...] então a igreja é onde eu tenho meu lazer, porque eu jogo bola com o pessoal domingo, domingo de meio dia uma vez por mês tem almoço. (PRODUTOR 2) [...]. Ajudou, não somente eu, ajudei até como meus vizinhos, foi participando do partido que pude reclamar que aqui não tinha cascalho e quando chovia era ruim para fazer qualquer coisa ficava isolado (PRODUTOR 8) [...]. Clube é bom, a mulher vai na piscina, eu vou na bocha, os pia pode ir na academia,

tem até churrasqueiro eu só levo a carne e ele tem serviço (risos). (PRODUTOR 12)”

Essas falas representam as mais variadas participações em sistemas em grupos sociais, verifica-se que a importância para alcançar seus objetivos é através dessas redes que eles participam, é notado um orgulho em fazer parte também desses grupos.

Figura 5: Cascalho colocado na linha Belmonte



Fonte: Autor 2018

A foto representa a fala do produtor que conseguiu ajudar a comunidade através de sua “força política por estar filiado a um partido”, ressalta-se, um entusiasmo a relatar a conquista e como ele é agraciado pelos demais moradores da linha por ter conseguido algo em prol da sociedade que ele vive, é notório que em seus valores sociais não é prezado pelo individualismo e sim pela melhoria geral.

Já em contrapartida no mesmo bloco de agricultores não cooperados encontramos a mesma insatisfação por parte de produtor que possui a estrada mais deteriorada.

“Preciso escoar minha produção, mas essa estrada tudo dificulta, hoje mesmo para você chegar aqui não percebeu que tem trechos que parece que vai tombar tudo desnivelado [...] reclamei para prefeitura, mas não resolvem nunca, às vezes vem vereador aqui filma e diz que vai ajudar e nada [...] pelo menos cascalhar, você vai em Toledo nos colegas, eles têm asfalto já.” (PRODUTOR 19)

Percebe-se na fala que o produtor espera que ocorra essa mudança de algum setor do governo, porém ele não informa por que os demais moradores da linha não se organizam de forma coletiva e busquem por melhorias, já que é benefício geral.

Pode-se ressaltar que também é um ato falho das cooperativas não buscar tentar informar os agricultores como agirem nesses casos, como se organizarem para alcançar essas melhorias, pois quando colocado em comparação os dois relatos, percebe-se que a ação partiu muito mais do indivíduo do que de onde são associados, sendo que a estrada estar arrumada beneficia uma rede de atores que trabalham entre si.

Ao que tange o lazer, verifica-se que os cooperados possuem essa noção de estar bem resolvido financeiramente a partir do momento que eles resolvem problemáticas a necessidades dos demais membros da família, como fica claro quando ele salienta que pode levar a família inteira dele para ter um final de semana atrativo e de lazer em locais agradáveis, no entanto, esses agricultores tem essa possibilidade por terem alcançado algum tipo de renda, dentro de um mesmo grupo, entretanto pode-se constatar em certas falas que participar da igreja é seu refúgio social.

“Como preciso ficar sempre aqui cuidando da propriedade por não ter caseiro eu apenas consigo ir, na igreja de bom jardim, o pessoal sempre está ali pra jogar uma bolinha e comer uma carne, às vezes até organizamos um baralho ou campeonato de bocha, se não fosse isso ficaria difícil ter alguma coisa pra fazer aqui”(PRODUTOR 40, Ano 2018)

Sobre a perspectiva do entrevistado não cooperado em suas falas, pode-se elencar que o pensamento de lazer do mesmo é mais amplo, não se contentando apenas com o lazer feito ali na igreja, gostaria de ter mais acesso à renda, para poder contratar um funcionário e poder ir viajar, ou se associar a um clube mais longe na cidade, porém o mesmo entende que é necessário ter esse tempo de descanso e busca-o onde é possível, devido as suas condições de trabalho.

Figura 6: Almoço de congregação não cooperado



Fonte: Autor 2018

Em análise a imagem é perceptível que a interação social e lazer não é apenas do produtor e sim da família, é o momento onde pode-se reunir não apenas com a família, mas sim rever amigos e colegas, assim como vendo pessoas que não são de seu convívio social, pois esses almoços são abertos a pessoas da sociedade. Oportuniza também que seus filhos que estão fora estudando ou já casaram e não estão mais enraizados ali no meio rural, possam vir visitar e compartilhar esse momento.

Outra percepção é que a propaganda de uma cooperativa de crédito é notada na foto, algo natural, pois essas cooperativas estão engajadas com o produtor rural buscando oferecer linhas de créditos para compra de insumos e maquinários, assim como cooptar novos clientes, que no caso é o não cooperado que está ali participando da festa da comunidade.

Pode-se afirmar que tanto agricultor cooperado quando não cooperado, possuem noção de que lazer é imprescindível para se desenvolver e os mesmos tem essa possibilidade, para si e suas famílias.

Ainda se compreende que alguns agricultores buscam se associar a outros modelos de associação não apenas cooperativas, mas, por exemplo, partidos políticos a fim de alcançar objetivos individuais ou para o bem de suas comunidades.

É assertivo comentar que os agricultores de modo em geral entendem da necessidade de lazer para melhorarem sua qualidade de vida, sendo assim, contribuem para o desenvolvimento rural sustentável, pois um dos aspectos que norteiam o DRS é justamente a qualidade de vida.

## 4 CONCLUSÃO

Conclui-se que o estudo sobre a investigação das práticas sociais utilizadas pelos agricultores familiares cooperados e não cooperados, na construção de seus projetos produtivos e modos de vida e seu alinhamento com desenvolvimento rural sustentável (DRS) apresentou dificuldades e superação de problemáticas vividas pelos objetos de estudo.

O trabalho identificou as variáveis de desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e desenvolvimento ambiental, como indicadores comuns entre os agricultores cooperados e não cooperados. Esses indicadores possibilitaram mensurar uma comparação entre os dois grupos estudados o que apresentou o resultado que direcionou os resultados a delimitarem um parâmetro para saber se os agricultores podem ou não alcançar o desenvolvimento rural sustentável.

Os resultados obtidos foram que os agricultores em suas entrevistas expõem quais são seus projetos de vida e de família, dentro dos indicadores de desenvolvimento econômico, social e ambiental, demonstrando sua necessidade de se desenvolver e quais as suas atitudes para alcançarem esses objetivos.

Ainda é traçado sobre esses agricultores uma comparação para verificar se ser cooperado ou não cooperado, os auxiliam a alcançar o objetivo desenvolvimento rural sustentável, apresenta-se aqui como resultado onde agricultores cooperados tem sim, alcançado os maiores índices de desenvolvimento, se levado todos os indicadores em consideração, então na análise geral dos indicadores avaliados demonstra que o agricultor cooperado é mais desenvolvido que o agricultor não cooperado.

Entretanto, quando a análise dos indicadores é realizada separadamente o grupo de cooperados se destaca no quesito econômico e social, possuem um melhor índice de desenvolvimento do que os não cooperados, é necessário salientar que não existe uma discrepância entre os resultados dos dois grupos, os não cooperados estão perto dos índices dos cooperados nesses quesitos, mas não os superam.

No que concerne o ambiental e ser sustentável, percebe-se que existe uma paridade do grupo cooperados e não cooperados possuem praticamente o mesmo pensamento do significado das palavras, suas ações demonstram que sua necessidade de ser sustentável está atrelada a leis e não necessariamente, ao saber ecológico.

O trabalho apresenta também problemáticas do desenvolvimento rural sustentável que são o envelhecimento, masculinização e falta de sucessão família, famílias rurais com poucos filhos, estudo dos filhos longe e não podendo auxiliar no dia a dia do estabelecimento familiar, concentração de terra, serviço pesado versus tecnologia, desejo dos pais que os filhos saiam da propriedade, dificuldade de remuneração familiar, esse assunto é tratado em diversas pesquisas de pesquisadores da área e parece não ser solucionada com o tempo.

Por fim as práticas usadas pelos agricultores cooperados e não cooperados estão no caminho do desenvolvimento rural sustentável, suas contribuições demonstram que suas práticas de vida idealizam a serem desenvolvidos, claro que ainda necessitam avançar nesses quesitos, porém fica claro que não existe diferencial gritante que possa dizer que os cooperados são mais desenvolvidos que os não cooperados. Porém é passível de afirmação que o cooperativismo auxilia no processo, mesmo que verticalizado ele é agente na disseminação de informação e estrutura para que seu cooperado alcance o desenvolvimento rural sustentável. Claro não em sua forma total, mas que pelo menos se apresente um caminho do mesmo, para o cooperado.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Reforma agrária**, v. 28, n. 1, p. 2, 1998.
- ALMEIDA, Jalcione. **Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável**. 1995.
- ALTIERI, Miguel A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista Nera**, n. 16, p. 22-32, 2012.
- Altafin, I. Reflexões Sobre o Conceito de Agricultura Familiar. Brasília, 2005, 18 p. Disponível em: <  
[http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/extensouniversitaria/contents/photooflow-view/content-view?object\\_id=1635678](http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/extensouniversitaria/contents/photooflow-view/content-view?object_id=1635678) > Acesso em: 15. Set. 2016
- Assis, R. L. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Economia Aplicada**, v.10, n.1, p.75- 89, 2006.
- BARBOSA, Gisele Silva. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. **Revista Visões**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2008.
- BASSO, Dirceu. **Racionalidades modernas e identidades socioprofissionais de agricultores familiares**. 2013.
- BASSO, Dirceu; GEHLEN, Ivaldo. Agricultores familiares modernos e diversos. **Orbis Latina**, v. 5, n. 2, 2016.
- BENATO, João Vitorino Azolin. Como organizar o quadro social das cooperativas. **São Paulo: OCESP-SESCOOP/SP**, 2002.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- Boff, Leonardo. "**Sustentabilidade: tentativa de definição**." São Paulo (2012).
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2012.  
 LEOPOLDINO, Candida Joelma. **A dupla qualidade dos cooperados: sócios e clientes nas sociedades cooperativas**. 2008.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Extensão rural no Brasil: da modernização ao desenvolvimento local. **Revue uniRcoop**, v. 5, p. 164, 2007.
- CERTO S. C.e PETER J.P. **Administração Estratégica: planejamento e implantação da estratégia**. 2 ed. São Paulo: Makron Books, 1993.

CREMONESE, Camila; SCHALLENBERGER, Erneldo. Cooperativismo e agricultura familiar na formação do espaço agrícola do oeste do Paraná. **Tempo da Ciência**. Cascavel, n. 12, v. 23. pp. 49-63, 1. sem. 2005.

COMUNICAÇÕES, EBC–Empresa Brasil De. Produção de alimentos é suficiente, mas ainda há fome no país, diz pesquisador < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-07/producao-de-alimentos-e-suficiente-mas-ainda-ha-fome-no-pais-diz>: acesso em: 15. Abril. 2017

COSTABEBER, José Antônio; CAPORAL, Francisco Roberto. Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável no Mercosul**. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, p. 157-194, 2003.

DOWBOR, Ladislau. **Democracia Econômica: Alternativas de Gestão Social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

ENSSLIN, Leonardo; VIANNA, William Barbosa. O design na pesquisa qualitativa em engenharia de produção—questões epistemológicas. **Revista Produção Online**, v. 8, n. 1, 2008.

Gomes, M. C., De Oliveira, M. L. R., da Purificação Pereira, G., & Velloso, T. R. (2015). **Experiência de assessoria como mecanismo de fortalecimento da economia solidária**. Em *Extensão*, 14(1), 134-152.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **No Paraná, agricultura familiar ocupa 80% dos trabalhadores do campo – ZEE / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba: IPARDES, 2006.**

Kageyama, A.A.; Bergamasco, S.M.P.P.; Oliveira, J.T.A. Uma tipologia dos estabelecimentos agropecuários do Brasil a partir do Censo de 2006. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 51(1): 105-122, jan./março 2013.

MARANDOLA, Maria Eduvirge; RODRIGUES, Rossana Lott. Cooperativismo agropecuário no Paraná: evolução x doutrina. **Semana: Ciências Sociais e Humanas**, v. 10, n. 3, p. 163-172, 1989.

MARCONI, M de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 2.ed., São Paulo:Atlas, 1990.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. Edição Compacta. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NAVARRO, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural Sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

Portugal, Alberto Duque (2004) – **O Desafio da agricultura familiar**. Embrapa. Disponível em:<www.embrapa.br> acesso em: 15 out. 2016.

RAUD-MATTEDI, C. A construção social dos mercados em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica \*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, p. 127–142, 2005.

SANTOS, Célia Cristina Moura. CEBALLOS, Zenaide Homem de Mello. A importância do Cooperativismo. <http://www.inicepg.univap.br> Acesso em: 18 out. 2016.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Agricultura sustentável, tecnologia e desenvolvimento rural. **Agricultura sustentável**, v. 3, n. 1/2, 1996.

SANTOS, C. C. M; CEBALLOS, Z. H. M. A importância do cooperativismo. **Revista São José dos Campos SP**. v.13 n. 24, p. 1144 - 1147, 2006

SCHNEIDER, Sergio. Ciências sociais, ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento. Campo-território: **revista de geografia agrária**. Uberlândia. Vol. 4, n. 7 (fev. 2009), p. 24-62, 2009.

SCHNEIDER, S. Tendências e temas dos estudos sobre desenvolvimento rural. **Congresso Europeu de Sociologia Rural.**, n. August, p. 20–24, 2007.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. SciELO-Editora da UFRGS, 2003

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. p. 135–187, 2000.

SINGER, P. (2002). **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

SINGER, Paul. **Economia Solidária: geração de renda e alternativa ao neoliberalismo**. In: Proposta – Revista Trimestral de Debates. São Paulo: FASE, 1997.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Pesquisa Qualitativa**. In: Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Cap. 5, p.116-173.

UECKER, Gelson Luiz; UECKER, Adriane Diemer; BRAUN, Mirian Beatriz Schneider. A gestão dos pequenos empreendimentos rurais num ambiente competitivo global e de grandes estratégias. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA**. 2005.

VEIGA, José Eli da. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 101-119, 2001.

VEIGA, José Eli da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 13, n. 3, p. 383-404, 1996.

ZONIN, Wilson João. **Transição agroecológica: modalidades e estágios na Região Metropolitana de Curitiba**. 2007.



3. Quanta terra própria possui (Ha)? .....
4. Utiliza terra de outras pessoas para a produção? ( ) Sim ( ) Não  
Se sim, quanto (ha)?.....
5. Qual porcentagem da terra é mecanizada?.....
6. Como o Sr utilizou as terras nesta safra atual (2017-2018)?

Descrição	Em Ha
Lavouras permanentes	
Lavoura temporária	
Pastagens naturais	
Pastagens plantadas	
Floresta e vegetação nativa	
Terra em descanso	
Outras	

7. O Senhor pode dizer como foi a produção (os cultivos vegetais e animais) na sua última safra?

Especificação	a)Área (ha)	b)Produção Total	d)Consum Intermediário	Quantid. Vendida	Valor de venda (média)
1) Milho (sacas)					
2) Soja (sacas)					
3) Leite (litros)					
4) .....					
5) .....					
6)					

8. A quanto anos mantém o sistema de produção atual?  
( ) mais de cinco anos  
( ) menos de cinco anos

Se menos de cinco anos, quais as razões justificaram as mudanças?

9. O Sr poderia mencionar sobre as máquinas, equipamentos e de sua propriedade ?

	Individual	Em Grupo	Ano de Aquisição	Descrição
1) Trator				
2) Ceifadeira / automotriz				
3) Plantadeira				
4) Trilhadeira				
5) Implementos para trator				
6) Carretão / carroça				
7) Veículo para serviço (pampa, C10...)				
8) Triturador				
9) Motor				
10) Distribuidor de esterco				
11) Balança				
12) Ensiladeira				
13) Ordenhadeira				
14) Resfriador				
15)				

10. QUAIS BENFEITORIAS POSSUI?

	a) Nº	b) Tipo	c) Idade	d) Área (m <sup>2</sup> )	f) Estado
1) Galpões					
2) Paiol					
3) Chiqueiro					
4) Estábulo					
5) Sala de ordenha					
6) Sala de alimentação					
7) Silo					
8) Esterqueira					
9) Ternereira					
10)					
11)					

Obs.: **Tipo:** 1. Madeira; 2. Alvenaria; 3. Misto; 4. Outro.

**Estado:** 1. Bom; 2. Regular; 3. Ruim.

#### 11. O SR. PODERIA INFORMAR O REBANHO ANIMAL DA PROPRIEDADE PARA FINS DE COMERCIALIZAÇÃO?

COMPOSIÇÃO DO REBANHO BOVINO (Cabeças):

REBANHO	a) 2005	b) 2010	Raça* Atualmente
1) Boi de Trabalho			XXXXXXXXXX
2) Boi de Comércio (> 1 ANO)			
3) Touros			
4) Vacas em lactação			
5) Vacas secas			
6) Novilhas (> 1 ANO)			
7) Terneiras (até 1 ano)			
8) Terneiros (até 1 ano)			

\*Raça predominante. 1. Holandesa; 2. Jersey; 3. Mista para leite; 4. Comum

#### 12. O Sr. PODERIA NOS INFORMAR SOBRE (S = Sim; N = Não)

		a) antes de 2012	b) 20013 a 2018	d) Futuro
INSTALAÇÕES	1) Reforma			
	2) Ampliação			
	3) Construção (nova)			
4.1.1.1.1.1	4) Compra de animais de raça			
	5) Usou inseminação			
L I M	6) Capineira			
	7) Pastorear em áreas de cultivos anuais			
	8) Pastagem Perene			
	9) Aumento do potreiro			
	10) Melhoria do potreiro			
	11) Pastagem de inverno			

E N T A Ç Ã O	12) Pastagem de verão			
	13) Silagem			
	14) Ração			
	15) Milho			
	16) Mandioca			
	17) Sal mineral			
	18) Concentrado			
	19)			

**13. POSSUI HORTA** ( ) Sim ( ) Não

A horta é suficiente para atender as necessidades da família?

( ) Sim ( ) Não

**14. POSSUI POMAR** ( ) Sim ( ) Não

O Pomar é suficiente para atender as necessidades da família?

( ) Sim ( ) Não

**15. A FAMÍLIA PROCESSA OU BENEFICIA OUTROS PRODUTOS E COMERCIALIZA?**

Produto	Qtidade produzida	Unidade	Preço venda	Qtidade vendida

**16. OS ALIMENTOS CONSUMIDOS PELA FAMÍLIA (uma só resposta):**

1 ( ) Provém quase todos da própria produção

2 ( ) A maior parte comprados de outros agricultores

3 ( ) A maior parte comprados em armazém e supermercados

4 ( ) Metade produzida e metade comprados

**17. ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS E PLURIATIVIDADE:**

Nome da pessoa	Onde?	Tipo de atividade	Remuneração /mês

**18. NO ÚLTIMO ANO, O SENHOR EMPREGOU ALGUÉM NA SUA PROPRIEDADE**

1 ( ) Sim : a) \_\_\_\_\_ Pessoas fixas b) \_\_\_\_\_ Temporários : c) \_\_\_\_\_ dias/ano

2 ( ) Não empregou ninguém

**19. O SR PODERIA DESCREVER:**

Os tipos de pastos (verão e inverno) e o manejo

O fornecimento dos alimentos aos animais

**A ORDENHA É REALIZADA DE FORMA**

1 ( ) Manual 2 ( ) Mecânica. 3. ( ) Mecânica canalizada.

--

**O resfriamento do leite**

--

**Controle Genético (raças)**

**QUAL A MÉDIA DO INTERVALO DE PARTO ? \_\_\_\_\_ Meses**

--

**Criação das bezerras e novilhas**

--

**Venda e compra de animais**

--

## 20. PODERIA NOS FALAR SOBRE O MANEJO SANITÁRIO GADO LEITEIRO

4.1.2.1.1.1 Manejos	1) Regular(anual)	4.1.2.1.2 2) Só Quando Necessário	3) Nunca Raramente
1) Vacinas (Aftosa, Brucelose, ...)			
2) Desverminação			
3) Carrapaticida			
4) Desinfecção do umbigo			
5) Controle Mamite			

## PRODUÇÃO VEGETAL

### 21. AQUISIÇÃO DE INSUMOS PARA PRODUÇÃO VEGETAL (Ano agrícola 2009-10):

Marcar com um X

Especificação	Sim	Não
Sementes (baixa, média ou alta tecnologia)	Baixa ( ) Media ( ) Alta ( )	
Aubos - NPK	( )	( )
Adubo menos solúvel (Agric Orgânica)	( )	( )
Adubo orgânico (Esterco,..)	( )	( )
Uréia	( )	( )
Calcário (dividir n° de anos)	( )	( )

**22. O SR COMPRA SERVIÇOS DE TERCEIROS PARA REALIZAR OS CULTIVOS VEGETAIS E PARA PRODUIR AS FORRAGENS PARA OS ANIMAIS?**

1. ( ) Sim    2. ( ) Não

Se sim, quais são os serviços?

**23. EM QUE LOCAL E DE QUE ORGANIZAÇÃO O SR E SUA FAMÍLIA COMPRAM A MAIOR PARTE DOS INSUMOS DA LAVOURA?**

Resp.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**24. PARA QUEM O SR VENDE A PRODUÇÃO VEGETAL (ordem de importância)?**

Resp.: \_\_\_\_\_

**25. QUAL O PRINCIPAL PROBLEMA ENCONTRADO NA VENDA DA PRODUÇÃO VEGETAL?**

Resp.: \_\_\_\_\_

**26. PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO DE SOLO PRATICADAS NA PROPRIEDADE:**

- ( ) Adubação verde  
 ( ) Curvas de nível  
 ( ) Plantio direto  
 ( ) Rotação de culturas  
 ( ) Consorciamento de culturas  
 ( ) Adubação orgânica com esterco  
 ( ) Reflorestamento de áreas degradadas  
 ( ) Controle alternativas sem venenos de pragas e doenças  
 ( ) \_\_\_\_\_

**27. DESCRIÇÃO SOBRE:**

**MANEJO DA FERTILIDADE DO SOLO**

--

**TRATOS CULTURAIS E CONTROLE DE PRAGAS E DOENÇAS**

--

**28. O Sr. OU ALGUÉM DA FAMÍLIA (FILHO, PAI, IRMÃO) FEZ CURSO DE CAPACITAÇÃO ?**

- 1 ( ) Técnico agrícola                      5 ( ) Solos  
 2 ( ) Produção de leite                    6 ( ) .....  
 3 ( ) Pastagens                                7 ( ) Outros? \_\_\_\_\_  
 4 ( ) Inseminação artificial                8 ( ) Ninguém fez curso

**29. RECEBE ASSISTÊNCIA TÉCNICA**

	<b>1) Sistematicamente</b>	<b>2) De vez em quando</b>	<b>3) Só quando solicita</b>	<b>4) Nunca</b>
--	--------------------------------	----------------------------	------------------------------	-----------------

a) EMATER				
b) Cooperativas				
c) Agroindústrias				
d) Prefeitura				
e) ONGs				
f)				

**29.1 QUAIS ATIVIDADES QUE A ATER MAIS PARTICIPA EM SUAS ATIVIDADES PRODUTIVAS?**

Resp.: \_\_\_\_\_

**29.2 QUAL É O GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO A ATER QUE RECEBEU?**

- 1( ) Muito satisfeito  
 2( ) Satisfeito  
 3( ) Insatisfeito  
 4( ) Não sabe

**30. EM RELAÇÃO AO CRÉDITO PARA A PRODUÇÃO O Sr.:**

- 1 ( ) Utiliza sempre (desde o ano de \_\_\_\_\_), para que: ( ) Custeio ( ) Investimento  
 2 ( ) Utilizou \_\_\_\_\_ vezes nos últimos 5 anos.  
 3 ( ) Nunca utilizou.  
 4 Qual a instituição financeira: ( ) Bancos públicos ( ) Cooperativas ( ) Bancos Privados ( )  
 \_\_\_\_\_  
 5) Para qual atividade utiliza mais crédito: ( ) Leite ( ) Soja ( ) Milho

**31. Pode nos informar a origem da renda familiar por ordem de importância 1ª, 2ª, 3ª )**

Cereais	
Aves	
Leite	
Hortifruticultura	
Venda de serviços	
Aposentadoria	
Outras	

**32. PRODUZIR HOJE, É MUITO DIFERENTE DO QUE ANTIGAMENTE ?**

- 1 ( ) Sim; 2 ( ) Não.

Porque \_\_\_\_\_

**33. SE TIVESSE CONDIÇÕES COMO SERIA DESENVOLVIRIA A SUA UNIDADE PRODUTIVA:**

Resp.: \_\_\_\_\_

**34. O QUE ESTÁ FALTANDO PARA MELHORAR A PRODUÇÃO EM SUA UNIDADE PRODUTIVA?**

Resposta: \_\_\_\_\_

**35. QUAL A LUTA DOS PRODUTORES QUE O SR. CONSIDERA MAIS IMPORTANTE?**

\_\_\_\_\_

**36. O Sr. PREFERIRIA QUE SEUS FILHOS VIVESSEM**

	1) Na cidade	4.1.2.1.2.1.1	2) Na cidade	3) Indiferente
a) Os homens				
b) As mulheres				

**37. QUAIS MOTIVOS LEVARIAM O SR A PROMOVER MUDANÇAS EM SUA UNIDADE FAMILIAR?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**38. O SR SE AVALIA PREPARADO OU NÃO PARA PROMOVER OS AJUSTES/ADEQUAÇÕES DE SUA UNIDADE PRODUTIVA DIANTE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E AMBIENTAIS?**

Resp.: \_\_\_\_\_

**39. PARA O SR QUAL É A IMAGEM PROJETADA DE SUA UNIDADE PRODUTIVA PARA O FUTURO (PRÓXIMOS 5 ANOS)?**

Resp.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**40. PARA O SR AS TECNOLOGIAS ADOTADAS NA ATIVIDADE PRODUTIVA GERAM IMPACTOS SOBRE O MEIO AMBIENTE?**

( ) SIM ( ) NÃO - QUAIS?

Resp.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**41. PARA SE INFORMAR O SR PREFERENCIALMENTE:**

	1) Sempre	4.1.2.1.2.1.1	2) Muitas vezes	3) Nunca
a) Lê jornais ou revistas agrícolas				
b) Lê revistas semanais ou mensais				
c) Escuta rádio				
d) Assiste programas especiais de televisão				
e) Vai a reuniões/palestras				
f) Participa em dias de campo				

g) Faz cursos de curta duração			
h) Recebe boletins informativos			
i) Exposições agropecuárias			

**42. O Sr. PRATICA ALGUMA FORMA DE AJUDA MÚTUA (ASSOCIATIVISMO) COM OUTROS AGRICULTORES EM SUA COMUNIDADE E VIZINHANÇA?**

- 1 ( ) Sim: Qual/quais? \_\_\_\_\_  
 2 ( ) Não

**43. O SR (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)**

- 1 ( ) É sócio do STR  
 2 ( ) É sócio de Sindicato Rural (Patronal)  
 3 ( ) Já foi sócio de Sindicato (STR ou Patronal)  
 4 ( ) Gostaria de se associar ao Sindicato (STR ou Rural)  
 5 ( ) É sócio de Cooperativa de crédito: Qual? \_\_\_\_\_  
 6 ( ) É sócio de Cooperativa de produção: Qual? \_\_\_\_\_  
 6 ( ) É sócio de Associação: Qual? \_\_\_\_\_  
 7 ( ) É filiado a algum partido político.  
 8 ( ) \_\_\_\_\_

**44. O SENHOR PARTICIPA DAS SEGUINTE ATIVIDADES:**

	1) Sempre	2) Às Vezes	3) Nunca
a) Reuniões do Sindicato			
b) Reuniões da Associação			
c) Reuniões da Cooperativa			
d) Mobilizações das Organizações que participa			
e) Reuniões da Comunidade			
f) Reuniões da Escola			
g) Campanhas Políticas			
h) Atividades/Reuniões da Igreja			
i) Festas na comunidade			
j)			
l)			

**45. O TIPO E ESTADO GERAL DA CASA É:**

- a) Tipo: 1 ( ) Madeira; 2 ( ) Alvenaria; 3 ( ) Mista  
 b) Ano de construção da casa: \_\_\_\_\_  
 c) Tamanho: \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>  
 d) Estado atual: 1 ( ) Bom; 2 ( ) Razoável; 3 ( ) Ruim

**46. NA CASA HÁ:**

- 1 ( ) Antena parabólica  
 2 ( ) Automóvel, Ano: \_\_\_\_\_.  
 3 ( ) Telefone  
 4 ( ) Computador  
 5 ( ) Internet  
 6 ( ) \_\_\_\_\_

**47. QUAL É O GRAU DE SATISFAÇÃO DO SR E DE SUA FAMÍLIA EM RELAÇÃO:**

.1) À ATIVIDADE AGROPECUÁRIA:

1. ( ) Muito satisfeito 2 ( ) Satisfeito 3 ( ) Insatisfeito 4 ( ) Não sabe

2. AO MEIO RURAL (ambiente / comunidade)

1. ( ) Muito satisfeito 2 ( ) Satisfeito 3 ( ) Insatisfeito 4 ( ) Não sabe

**48. O QUE PRECISARIA ACONTECER PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DE SUA FAMÍLIA?**

Resp.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**49. QUAL A MELHORIA QUE MAIS LHE CHAMOU A ATENÇÃO NOS ÚLTIMOS 5 ANOS?**

Resp.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**50. CASO HAJA UMA PIORA NA RENDA E NA AGRICULTURA DE MODO GERAL NOS PROXIMOS ANOS, O SR PENSA EM FAZER O QUÊ?**

- 1( ) Continuar a fazer o mesmo e esperar a crise passar;  
2( ) Deixar de trabalhar na agricultura e vender a terra;  
3( ) Buscar aperfeiçoamento tecnológico para melhorar a produção na propriedade;  
4 ( ) Procurar emprego em atividade não-agrícola;  
5 ( ) outra: \_\_\_\_\_

**51. EXISTE ALGUM MEMBRO DA FAMÍLIA QUE O SR PREVÊ QUE CONTINUARÁ A TRABALHAR EM SUA PROPRIEDADE DEPOIS QUE O SR NÃO PUDER MAIS TRABALHAR NELA?**

Resp.: \_\_\_\_\_

**52. QUAL A PRINCIPAL RAZÃO QUE LEVOU OS MEMBROS DA FAMÍLIA A TRABALHAR NAS ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS?**

Resp.: \_\_\_\_\_

## Apêndice 2: Lista de entrevistados Cooperados

Entrevistados	idade	Localidade	Mês entrevista
A. B	54	Marechal	Abril/2018
N. S.	59	Pato Bragado	Abril/2018
R. B.	42	Toledo	Junho/2018
E. K.	54	Marechal	Abril/2018
B. k.	61	Marechal	Abril/2018
A. V.	45	Marechal	Abril/2018
E. M.	51	Toledo	Junho/2018
E. M.	62	Marechal	Maio/2018
J. K.	45	Mercedes	Abril/2018
N. k.	58	Pato Bragado	Abril/2018
A. S.	47	Mercedes	Abril/2018
L. K.	52	Mercedes	Maio/2018

O. S.	54	Pato Bragado	Maio/2018
C. K.	38	Marechal	Maio/2018
Z. B.	67	Mercedes	Abril/2018
P. B.	36	Pato Bragado	Abril/2018
N. P.	51	Pato Bragado	Abril/2018
N. S.	54	Marechal	Maio/2018
I. L.	56	Marechal	Abril/2018

### Apêndice 3: Lista de produtores não Cooperados

D. L.	31	Marechal	Abril/2018
D. T.	41	Toledo	Junho/2018
G. C.	56	Toledo	Junho/2018
G. G.	57	Marechal	Maio/2018
C. G.	49	Toledo	Junho/2018
H. F.	60	Pato Bragado	Maio/2018
A. I.	44	Marechal	Maio/2018
A. P.	54	Toledo	Junho/2018
A. F.	36	Marechal	Maio/2018
D. K.	56	Toledo	Junho/2018
S. K.	53	Marechal	Maio/2018
D. W.	50	Marechal	Maio/2018
M. W.	52	Toledo	Junho/2018
C. E.	57	Marechal	Maio/2018
A. B.	69	Marechal	Maio/2018
A. N.	42	Toledo	Junho/2018
T. S.	49	Marechal	Maio/2018
S. J.	54	Pato bragado	Maio/2018
D. V.	54	Marechal	Maio/2018
R. M.	36	Marechal	Maio/2018